



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

Gustavo Franco de Carvalho Curado Jaime
RA: 2016449/7

Tostão, o craque das letras

Uma análise comparativa das crônicas de um
dos maiores colunistas esportivos da atualidade

BRASÍLIA
Junho — 2005



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

Gustavo Franco de Carvalho Curado Jaime
RA: 2016449/7

Tostão, o craque das letras

Uma análise comparativa das crônicas de um
dos maiores colunistas esportivos da atualidade

Orientador: Prof. Severino Francisco

Monografia apresentada ao
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB;
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas;
Curso de Comunicação Social, matutino,
com habilitação em Jornalismo.

BRASÍLIA
Junho — 2005

Dedico este trabalho especialmente ao craque Tostão. Se não pude vê-lo em ação nos campos, tenho o prazer de ler os seus textos primorosos e análises lúcidas. Agradeço também o meu orientador, Severino Francisco, o sociólogo Eduardo Manhães (que me incentivou a tocar o projeto em frente), meus pais, Sandoval e Sandra, minha irmã, Adriana, minha namorada, Rayane, e sua família. Obrigado a todos pelo apoio, paciência e compreensão. O resultado dos meses de suor pertence em grande parte a vocês.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1. O anão de Velásquez.....	6
2. UM GÊNERO MENOR	9
2.1. O conceito de crônica	9
2.2. À razão, adiciona-se fantasia	11
2.3. Do folhetim a Braga e Nelson.....	14
3. UM GÊNERO MENOR AINDA	21
3.1. O esporte na crônica	21
3.2. Parcialidade e literatura	25
4. TOSTÃO EM TRÊS TEMPOS	29
4.1. O boleiro	29
4.2. O doutor	31
4.3. O cronista	32
5. NOS CAMPOS DA CRÔNICA	34
5.1. Nostalgia e lucidez / Profissionalismo x Amadorismo	34
5.2. Brincadeira, jogo e esporte / A imprevisibilidade do futebol	39
5.3. Humanismo e heroísmo	45
5.4. O talento <i>versus</i> a técnica / Identidade nacional	52
6. FIM DE JOGO	61
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

RESUMO

O trabalho traça um rápido histórico da crônica e da crônica esportiva brasileira para logo depois explicar a dimensão que as análises de Tostão tomam em um contexto que transcende o futebol. O intuito é mostrar como o comentarista leva assuntos do esporte, tais como a nostalgia, o profissionalismo em oposição ao amadorismo, o humanismo e heroísmo, a imprevisibilidade do jogo, a discussão entre talento e técnica e a questão da identidade nacional, para o campo da escrita. Nesse ambiente, comparo os textos de Tostão com o de outros especialistas e com as definições de teóricos.

1. Introdução

“O mal da literatura brasileira é que não temos nenhum romancista que saiba cobrar um escanteio.”

(Nelson Rodrigues)

1.1 – O anão de Velásquez

Dentro de campo, Tostão fez muito menino gostar de bola. Era um daqueles meias-atacantes habilidosos e extremamente inteligentes que, ousou dizer, só aparecem a cada 50 anos. Fora das linhas de cal, o mineirinho conquistou muito garoto a partir das letras. Pois sou um desses. Não me recordo com precisão a época em que vi aquele senhor baixinho, de óculos e poucos cabelos grisalhos na televisão. Foi na *Band*, o canal do esporte da década de 1990 – isso eu lembro. Ao lado de Gérson e Rivellino, dois outros gênios da bola, Tostão comentou a Copa de 1994.

A minha memória é mais fiel quando remete a imagem do simpático homem às páginas da revista *Placar*. Na companhia do volante Falcão, o ex-jogador do Cruzeiro sedimentou a sua grata presença na crônica esportiva. Daí em diante, busquei ler os comentários precisos e sensíveis do mineiro. No prefácio da autobiografia *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*, Armando Nogueira define o personagem dos gramados como um artista de rara lucidez. Assim também é Tostão na escrita: um analista de rara e desprestenciosa lucidez.

É inevitável não destacar aspectos do ex-atleta presentes no atual cronista. Igualmente difícil é desassociar o ser humano, o médico, o psicanalista, o estudioso do futebol ou o apaixonado pelo jogo. Resolvi assumir a condição de pesquisador para penetrar nesse rico e instigante campo de estudo.

A idéia deste trabalho surgiu como um time de várzea, meio desorganizado e ainda sem grandes ambições. Com o tempo, e com a camisa 10 devidamente entregue a Tostão, a equipe ganhou feição própria. O elenco reforçou-se com nomes de peso da crônica esportiva: Armando Nogueira, Eduardo Galeano, João Saldanha, José Trajano, Juca Kfoury, Luis Fernando Veríssimo, Nelson Rodrigues, Paulo César Vasconcellos, Paulo Vinícius Coelho, Roberto Assaf e Ruy Carlos Ostermann. Além disso, contou com a base teórica de Johan Huizinga, Roberto DaMatta e Ronaldo Helal.

Nelson e Tostão arriscaram uma afinada dupla de ataque. O dramaturgo, que viu o anão de Velásquez atuar – como o chamava em referência ao anão da pintura *As Meninas*, de Diego Velásquez –, não teve a mesma oportunidade de ler os seus textos. A tabelinha, nem por isso,

teve o seu encanto diminuído. Sob o pretexto de falar de futebol, ambos deslizaram sutis pelas paixões, dramas e mistérios da natureza humana.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que temos na crônica esportiva textos valiosos e percepções aguçadas que transcendem o assunto ou a área de análise, bem como elucidar a singularidade e a contribuição do ex-jogador e cronista Tostão para o enriquecimento da tradição enquanto gênero jornalístico/literário. Os discursos-comuns, maquiavélicos ou simplistas, tomam textura de gelatina e escorrem pelos dedos nas primeiras linhas dos textos de Tostão.

Aliás, a proposta de estudar a concepção estética e técnica do comentarista mineiro a partir de sua escrita é única. Para isso, desenvolvo nos capítulos 2 e 3 uma “expedição de reconhecimento” à crônica e à crônica esportiva, atribuindo-lhes conceito e relevância cultural, além de contextualizar as obras dos principais representantes do gênero, tanto do ponto de vista histórico quanto estilístico.

No capítulo 4, evoco de maneira breve a história de Tostão, desde o seu começo nas ruas de Belo Horizonte até os dias atuais. A divisão da trajetória do ex-atleta em três etapas – “O boleiro”, “O doutor” e “O cronista” – ilustra bem como cada fase teve importância na formação do homem que escreve e lida com a escrita.

O capítulo 5, intitulado “Nos campos da crônica”, está dividido em quatro tópicos:

- 5.1 – Nostalgia e lucidez / Profissionalismo x Amadorismo
- 5.2 – Brincadeira, jogo e esporte / A imprevisibilidade do futebol
- 5.3 – Humanismo e heroísmo
- 5.4 – O talento *versus* a técnica / Identidade nacional

Em cada um, pincei crônicas do Tostão que tratam direta ou indiretamente do tema. Também procurei comparar o ponto de vista de diversos analistas a partir de textos publicados em coletâneas ou jornais – sem um critério específico de seleção por autor ou data. Por último, busquei enriquecer as percepções do estudo com base em teorias de sociólogos, filósofos, antropólogos e mitólogos.

Para o trabalho foram analisados 25 textos no total, sendo seis extraídos da autobiografia do ex-jogador, datada de 1997, e o restante retirado da coluna bissemanal do cronista no jornal *Correio Braziliense* entre o período de 7/11/2004 e 13/03/2005 – com uma pausa das férias em janeiro e fevereiro. Na tabela da página seguinte estão listados os títulos e referências de publicação dos textos de Tostão usadas neste trabalho.

Título	Data/Publicação
A violência no futebol atual/Novas regras	Autobiografia, página 107
O poderoso técnico/Jogador também tem alma	Autobiografia, página 109
O craque/Bad Boys	Autobiografia, página 112
A tecnologia e o futebol	Autobiografia, página 123
Análise crítica de clichês do futebol	Autobiografia, página 125
A desorganização do futebol brasileiro	Autobiografia, página 127
Reinvenção do futebol	7 de novembro de 2004
Não entendo mais nada	10 de novembro de 2004
Fenomenal centroavante	14 de novembro de 2004
Boa e má desculpa	17 de novembro de 2004
Não é só a altitude	21 de novembro de 2004
Repensar o futebol	24 de novembro de 2004
Motivação e auto-ajuda	28 de novembro de 2004
Eficiente, simples e bonito	1 de dezembro de 2004
Arrastão no futebol	5 de dezembro de 2004
A esperança dos desesperados	8 de dezembro de 2004
Furacão perto do título	12 de dezembro de 2004
A ilógica lógica do futebol	15 de dezembro de 2004
Os melhores da temporada	19 de dezembro de 2004
O título é do melhor	22 de dezembro de 2004
Estou sem paciência	26 de dezembro de 2004
Mais um craque	2 de março de 2005
Saber antes de entender	6 de março de 2005
Os poetas têm razão	9 de março de 2005
Aula prática sobre futebol	13 de março de 2005

2. Um gênero menor

“Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo – a crônica é seu coração.”

(Vinícius de Moraes)

2.1 – O conceito de crônica

A cada 24 horas morrem diversos jornais no mundo. Da *Folha de S. Paulo*, *Correio Braziliense*, *O Globo*, passando pelo *Le Monde*, *The New York Times*, *Clarín*, *Nigeria Daily*, enfim, o destino é o mesmo. Não precisa ser estatístico ou trabalhar com tabelas e gráficos para constatar o fenômeno. Em apenas um dia, nascem, envelhecem e morrem. Sobra o papel, que servirá para embrulhar frutas e peixes ou proteger do frio as pessoas que dormem na rua.

A crônica surge, em princípio, nesse ambiente transitório e efêmero, onde os leitores passam os olhos apressados pelos textos e os profissionais da notícia se viram com o pouco espaço, o tempo curto de apuração e a rapidez dos acontecimentos, em uma luta contra os ponteiros do relógio. De acordo com Jorge de Sá (2001:11), por isso a sintaxe no gênero lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. O uso da oralidade deixa a leitura leve e envolve o leitor. Uma curta passagem da crônica “Assalto”, de Carlos Drummond de Andrade, ilustra a definição de Jorge de Sá.

Moleques de carrinho corriam em todas as direções, atropelando-se uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. Não era o instinto de propriedade que os impelia. Sentiam-se responsáveis pelo transporte. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rolavam, tomates esborrachavam-se no asfalto. Se a fruta cai no chão, já não é de ninguém; é de qualquer um, inclusive do transportador. Em ocasiões de assalto, quem é que vai reclamar uma penca de bananas meio amassadas? (ANDRADE, 2000:13)

Apesar de dividir a mesma realidade do jornal e preencher as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística – atualidade, oportunidade e difusão coletiva –, o gênero não reverencia esses aspectos. A crônica detém o poder de se destacar da rotina e ganhar a posteridade.

[...] quando a crônica passa do jornal para o livro, amplia-se a mágica do texto, permitindo ao leitor dialogar com o cronista de forma bem mais intensa, ambos agora mais cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura. (SÁ, 2001:86)

O autor entende que enquanto o público do jornal dispõe de menos tempo e está mais envolvido com as várias matérias do dia-a-dia focalizadas pelo periódico, o público do livro é mais seletivo e reflexivo. Segundo Sá (2001:85), os leitores muitas vezes são os mesmos, o que muda, porém, é a “atitude diante do texto”.

A coletividade também dá um sentido mais amplo ao gênero. Em trabalho intitulado “Crônicas e mitos de Rubem Braga”, Flávio Loureiro Chaves (2002) destaca a unidade fundada pelos textos do escritor capixaba. Lidas em conjunto, as crônicas “formam um texto único, maciço e coerente, [...] totalmente liberto da realidade imediata que lhe deu origem” (2002:72).

No entanto, o intuito dos autores tende a se esquivar dessa pretensa durabilidade do texto. Ou seja, por se abrigar em um veículo transitório, o cronista não pensa em permanecer na lembrança e na admiração futura, como ressalta Antonio Candido (1992). Sem essa preocupação, ele escreve em um nível que o crítico literário chama de “rés-do-chão” – rente ao solo –, em que consegue, quase sem querer, transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um. Apesar de denotar certo preconceito ao adjetivar o gênero de “menor”, Candido compreende a sua importância.

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imaginaria uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, — seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO, 1992:13)

A linguagem coloquial das crônicas tende a aproximar o leitor do tema. Num país sem uma forte tradição de leitura e que costuma identificar a superioridade intelectual e literária no requinte gramatical, a simplificação e a busca de oralidade na escrita têm o poder, simultâneo, de investir em leitores e desmistificar o conceito popular sobre “escrever bem”.

Outro aspecto fundamental é a aparente facilidade e o suposto descompromisso que o “gênero menor” carrega consigo. Antonio Candido esclarece que a despreensão humaniza,

permitindo atingir uma certa profundidade de significado e um certo acabamento da forma, que de repente podem fazer da crônica uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição. Para Jorge de Sá (2001:28), o hipotético desinteresse do autor não implica, necessariamente, em uma mediocrização do texto.

Na epígrafe, recorri a Vinícius de Moraes para situar a crônica dentro do jornal. Pois nada melhor que retornar ao poeta e compositor, agora com uma definição de cronista retirada do texto “O Exercício da Crônica”. Certamente, nem todos os profissionais do meio se sentiriam confortáveis no figurino desenhado por Vinícius. De qualquer maneira, a definição é útil para projetar uma imagem aproximada do cronista e de sua função no cotidiano do jornal e do leitor.

Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há que ser fresca, limpa, luminosa para a satisfação real dos que nela matam a sede. (MORAES, 1991:53)

2.2 – À razão, adiciona-se fantasia

A objetividade jornalística e a subjetividade literária são os dois principais ingredientes da receita brasileira de fazer crônica. “A crônica é por natureza ambígua, oscila entre o reportar dos fatos e a literatura” (OSTERMANN, 1998:13). A quantidade exata de cada um costuma ser bem pesada, para não estragar o sabor final. Já na cultura hispano-americana, o gênero é posto à mesa com medidas diferentes – adiciona-se mais razão e menos fantasia à “sobremesa” do jornal.

No capítulo “A Crônica”, de José Marques de Melo, que compõe o livro Jornalismo e literatura: a sedução da palavra, encontra-se opiniões de estudiosos sul-americanos sobre o assunto. O argentino Eugenio Castelli recomenda que a crônica siga a ditadura dos *leads*, ou seja, o padrão da pirâmide invertida (2002:146). O colombiano Gil Tovar especifica que a crônica precisa ser mais informativa e menos literária (2002:146). Conforme o peruano Juan Garguevich, a definição do estilo abrange o “relato sobre pessoas, fatos ou coisas reais, com fins informativos, redigidos preferentemente de modo cronológico e que, diferente da nota informativa, não exige atualidade imediata, mas sim vigência jornalística” (2002:144).

A crônica, na imprensa brasileira, é um gênero jornalístico essencialmente opinativo, híbrido e configura-se como um relato poético do real. Os fatos são pretextos, como definem Flora Bender e Ilka Laurito (1993:44). O texto transmite as reações pessoais do autor e situa a informação em um plano secundário. Como Vinícius de Moraes assinalou, a crônica é o coração do jornal. Ao mesmo tempo em que o mantém em funcionamento, permite que as emoções e os sentimentos se manifestem.

O crítico e romancista Luiz Roncari também compartilha da visão de Vinícius. Para Roncari (*apud* COELHO M., 2002:157), o gênero, antes de tudo, tenta se diferenciar, como se fosse um visitante ilustre num país bruto, inculto e insensível. De acordo com Lourenço Diaféria (*apud* MELO, 2003b:162), a crônica existe para dar credulidade aos jornais, saturados de notícias demais para serem levados a sério.

Nessa receita, assim como na culinária, o talento tem lugar cativo. E “é na dose com mão certa que está o encanto do gênero. O cronista menos talentoso [...] poderá tornar o texto piegas ou edulcorado demais” (BENDER; LAURITO, 1993:50). Parafraseando o espanhol Gonzalo Martin Vivaldi (*apud* MELO, 2002:141), a crônica não é uma câmera fotográfica que reproduz a paisagem, é o pincel do pintor que interpreta a natureza.

São inúmeras as possibilidades de dar vazão ao talento. A escolha do assunto e o estilo empregado ao texto são, quase sempre, livres e só podem se chocar com os interesses do jornal – mesmo assim, estes se isentam de qualquer vírgula que tenha sido colocada. O acervo à disposição do cronista reúne cartas-amorosas e cartas-oficiais, acontecimentos importantes e comentários do cotidiano, análises sensíveis e histórias dramáticas, confissões do futuro e viagens ao passado, críticas amáveis e elogios sarcásticos. Até mesmo a falta de assunto vira tema de crônica.

Machado de Assis, em um desses dias rasos de idéias, alertou: “Dai-me boas semanas e eu vos darei bons folhetins. Mas, que se pode fazer no fim de sete dias chochos, passados a ver chover, sem acontecimentos de natureza alguma [...]?” (HOHLFELDT, 2000:95). Na seqüência, o autor vai enrolando o texto, conversando com o leitor, sem deixar escapar o interesse nem aborrecer a leitura. A satisfação única de Machado é a de preencher o espaço que, segundo comenta, está a cuidado do mais indigno servo. “Pouca diferença vai deste folhetim ao milagre dos pães [...]. Quando os leitores chegarem ao fim achar-se-ão vazios como no princípio, sentindo uma fome igual à que sentiam quando começaram a ler”.

Outro a explorar a ausência de assunto é Rubem Braga. A ocasião é o que poderíamos definir como a situação-limite do gênero. Se injetar inteligência, lirismo, humor e crítica em temas triviais já se constitui em um desafio, esse desafio é levado a uma fronteira extrema no

caso em que o cronista escreve sobre a falta de assunto, exigindo enorme destreza, imaginação e talento. A capacidade do autor em prender a atenção do leitor e subverter a lógica do jornal – onde somente se publica o que é notícia –, fazendo parte do próprio veículo impresso, torna a ausência do tema um malicioso jogo de palavras.

Em “Ao respeitável público”, de fevereiro de 1934, Braga culpa o calor pelo desânimo em escrever – em contraponto à chuva de Machado – e chega até mesmo a sugerir às pessoas que não o leiam. O pedido de setenta anos atrás soa moderno até para os dias de hoje.

Chegou meu dia. Todo cronista tem seu dia em que, não tendo nada a escrever, fala da falta de assunto. Chegou meu dia. Que bela tarde para não se escrever! Esse calor arrasa tudo; esse Carnaval que está perto, que aí vem no fim de semana; esses jornais lidos e relidos na minha mesa, sem nada interessante; esse cigarro que fumo sem prazer; essas cartas na gaveta onde ninguém me conta nada que possa me fazer mal ou bem; essa perspectiva morna do dia de amanhã; essa lembrança aborrecida do dia de ontem; e, outra vez, e sempre, esse calor, esse calor, esse calor... Portanto, meu distinto leitor, portanto, minha encantadora leitora, queiram ter a fineza de retirar os olhos desta coluna. Não leiam mais. Fiquem sabendo que eu secretamente os odeio a todos; que vocês todos são pessoas aborrecidas e irritantes; que eu desejo sinceramente que todos tenham um péssimo Carnaval, uma horrível quaresma, um infelicíssimo ano em 1934, uma vida toda atrapalhada, uma morte estúpida! [...] Por que ousam gostar ou aborrecer o que escrevo? O que têm comigo? Acaso me conhecem, sabem alguma coisa de meus problemas, de minha vida? Então, pelo amor de Deus, desapareçam desta coluna. [...] Aqui, nesta coluna, eu nunca lhes direi nada, mas nada de nada, que sirva para o que quer que seja. E não direi porque não quero; porque não me interessa; porque vocês não me agradam; porque eu os detesto. [...] Eu tenho de suportar vocês diariamente, sem descanso e sem remédio. Vocês podem virar a página, podem fugir de mim quando entendem. Eu tenho de estar aqui todo dia, exposto à curiosidade estúpida ou à indiferença humilhante de dezenas de milhares de pessoas. (BRAGA, 1936:16-17)

Talvez por não existirem quaisquer manuais de conduta para o texto da crônica, o gênero tome ares de inutilidade. No Brasil, onde a lei significa ordem – ainda que o cumprimento dela não seja efetivo –, a ausência de códigos comuns transforma a crônica em “terra de ninguém”, onde impera o fútil. Pelo menos na visão de algumas pessoas.

Em “O frívolo cronista”, Carlos Drummond de Andrade responde a um leitor matogrossense que critica a frivolidade da coluna. O autor, que afirma não estar “para brincadeira”, retruca com uma frase de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em Viagens à Itália:

“Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil”.

Drummond vai mais longe e afirma: “O inútil tem sua forma particular de utilidade [...] Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples deleite de fruí-los também como expressões de vida”.

O escritor mineiro acrescenta que o jornal sabia da incompetência dele para o desempenho das “altas missões” – as tarefas mais engajadas e burocráticas do ofício, como esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes e pressionar o Poder Legislativo. Por isso mesmo, o contratou: para incitar a frivolidade nas páginas.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. [...] A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa, um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou, menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando [...]. (“O frívolo cronista” – Carlos Drummond de Andrade, 14/09/1978)

Ao leitor do Mato Grosso, Drummond revela praticar o seu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. E emenda no final: “Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade”.

2.3 – Do folhetim a Braga e Nelson

A história do gênero, como peça jornalística, começa no século XIX, com os folhetins confiados a poetas e ficcionistas. Segundo Afrânio Coutinho (*apud* MELO, 2003b:152), o primeiro folhetinista brasileiro foi Francisco Otaviano, inaugurando a seção “A Semana” em 2 de dezembro de 1852, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. Logo depois, migraram para a imprensa José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Coelho Neto, entre outros.

José Marques de Melo (2003b:153) lembra que o folhetim não tinha as características da crônica de hoje. Era uma parte pequena do jornal dedicada a assuntos variados, reunindo comentários sobre os mais diferentes temas. Com o tempo, “a acolhida do público com relação a esse espaço foi aumentando, e o folhetim passou a ser um chamariz para atrair leitores” (BENDER; LAURITO, 1993:15).

Um dos maiores destaques da época foi Machado de Assis. O folhetinista carioca contribuiu consideravelmente para a evolução do gênero na literatura brasileira. Antônio Hohlfeldt (2000), em artigo sobre o criador de Dom Casmurro e A mão e a luva, entre outras obras, apontou a experimentação que o espaço possibilitava – tanto temática quanto estilística – e o aprimoramento do “senso de observação e a capacidade de reflexão” de Machado (2000:92).

O folhetim é originário da França. De lá, espalhou-se pelo mundo. Mas para Machado de Assis, o surgimento do gênero leveiro é algo mais próximo de todos nós, como idealizou em texto de 1º de novembro de 1877.

[...] há toda a probabilidade de crer que [a crônica] foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. (HOHLFELDT, 2000:96)

Aos poucos, o abrangente estilo de variedades deu lugar às seções especializadas, dos artigos, comentários, análises e críticas. Entre elas, o que se chama atualmente de crônica. De acordo com Luís Martins (*apud* BENDER; LAURITO, 1993:23), o gênero, na forma que conhecemos, nada mais é que um folhetim encurtado. O local de publicação também mudou. Dos rodapés passou a ocupar qualquer página, com espaço destacado, ainda que limitado.

Na década de 1930, a crônica atingiu o amadurecimento. No livro Jornalismo Opinativo, Marques de Melo (2003b) cita dois elos marcantes da história que influenciaram diretamente a trajetória do gênero no Brasil e o próprio jornalismo. São eles:

- (1) A Semana de Arte Moderna de 1922, que inicia um movimento de brasilidade, levando a nossa literatura, seja na temática, seja na linguagem, a se aproximar da realidade nacional. É sobretudo no plano da linguagem que esse movimento influencia a imprensa brasileira, fazendo-a abandonar o velho estilo discursivo dos bacharéis para descobrir a simplicidade e clareza da linguagem coloquial. Se a crônica já havia, no final do século XIX,

esboçado reação no terreno lingüístico, ela não consegue impregnar o jornalismo como um todo. Depois de 1922, não. Observaremos uma mudança nos padrões do estilo jornalístico.

- (2) O desenvolvimento da imprensa, pois nesse período os jornais diários das grandes cidades assumem feições empresariais, tornando-se mais dinâmicos, ampliando seu público leitor, incorporando a agilidade da moderna imprensa européia e norte-americana. Essa revolução da imprensa conduz a uma diversificação do conteúdo e à ampliação das seções permanentes para atender a um público leitor mais exigente (a emergente classe média). Nesse quadro, a crônica adquire um lugar especial. E o cronista é um intérprete das mutações que dão nova fisionomia à sociedade brasileira.

Nesse período de transição, os cronistas começaram a combater a linguagem empolada em defesa de uma “fala brasileira, ágil, coloquial e agressiva” (BENDER; LAURITO, 1993:36). Adeptos da libertação dos modelos acadêmicos – no vocabulário, sintaxe, temas e maneira de ver o mundo –, os modernistas tupiniquins embalaram, além do projeto estético, um projeto ideológico. “Não há movimento artístico que não seja precedido de um movimento filosófico. E a filosofia da unidade realiza-se no objetivismo dinâmico da arte moderna” (TELES, 1997:313).

Mais que uma profunda revolução no campo das artes, o Modernismo expressou uma nova forma de ver, sentir e interpretar a existência humana. Um dos maiores ativistas pela renovação literária, Graça Aranha apresentou um projeto à Academia Brasileira de Letras, em 3 de julho de 1924 – rejeitado em outubro do mesmo ano –, que deixava claro a posição do homem moderno com relação ao Romantismo.

O brasileiro está no período subjetivo, do qual o romantismo é manifestação constante e perturbadora. Pode-se afirmar que o Brasil é um dos últimos refúgios do romantismo. Do lirismo, que seria a expressão ingênua do entusiasmo natural e primitivo, do lirismo fecundo, ardente, que eleva o homem além de si mesmo e o transforma divinamente, vencedor da matéria, caímos na deformação romântica, que mascara a realidade e nos entorpece no sentimentalismo. Há entre a realidade, a matéria que se faz arte, e o espírito que a exprime, uma perniciosa zona literária, mantida pelo academismo, que estraga a visão do real e impede a construção de tornar-se robusta e sã. A infecção literária corrompe a política, a arte, a vida. (TELES, 1997:318)

No mesmo texto, Graça Aranha traça uma linha comparativa entre dois “espíritos”: romântico e moderno. O primeiro é dissolvente e vago, enquanto o segundo é dinâmico e construtor. “Por ele [*espírito moderno*] temos de criar a nossa expressão própria. Em vez de imitação, criação” (1997:318).

O escritor enfatiza ainda que a formação da Academia Brasileira de Letras foi um equívoco. Sendo um dos membros fundadores, argumenta que a ABL nasceu como cópia da Academia Francesa. “A imitação é uma prática brasileira”, pondera.

O movimento espiritual, modernista, não se deve limitar unicamente à arte e à literatura. Deve ser total. Há uma ansiada necessidade de transformação filosófica, social e artística. É o surto da consciência, que busca o universal além do relativismo científico, que fragmentou o Todo infinito. Se a Academia se desvia desse movimento regenerador, se a Academia não se renova, morra a Academia. (TELES, 1997:323)

Em 5 de julho de 1924, ou seja, apenas dois dias depois de Graça Aranha apresentar o projeto, Joaquim Inojosa declarava guerra ao “passado”, em uma carta-manifesto que o autor, no Recife, remeteu a Severino de Lucena e Guimarães Sobrinho, diretores da revista *Era Nova*, de João Pessoa. O texto constitui o primeiro documento do Modernismo no Nordeste.

Onde já se viu persistir, por séculos, uma escola literária? Tivemos o romantismo, o lirismo, o condoreirismo, o naturalismo, e que mais? Escolas ou não-escolas, substituíam-se umas às outras, e sempre, nesses combates, venceu a audácia dos novos contra a prepotência mental dos velhos. Por que persistimos inertes ante a revolução do pensamento e das artes? [...] Andar com os velhos é envelhecer com eles. Prefiro, até, esmagá-los a sujeitar-me aos seus caprichos injustificáveis. O único exemplo que nos podem dar é o da experiência. Nós, entanto, sabemos que a experiência é inimiga da mocidade, porque é filha da velhice. Erga a mocidade a fronte, para que nela se possa colocar o estema da vitória. A vitória, no caso, pertence à Arte Moderna. Para consegui-la – guerra aos preconceitos artísticos. [...] Guerra aos códigos literários, às fórmulas preestabelecidas. Guerra ao parnasianismo, ao gagaísmo, ao academismo, ao naturalismo da prosa, ao virtuosismo, ao conformismo, ao copismo, ao dicionarismo. Guerra aos “almofadinhas do soneto”, aos gramáticos “ápteros”, aos regionalistas sistemáticos. Guerra ao passadismo inatualizável. Guerra à estética absoluta, à arte oficial, à pintura de cópia. Guerra ao belo como o fim da arte. (TELES, 1997: 333-334)

Nos anos de 1930, os textos de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga se afirmaram no contexto do jornal. Há quem eleja o Velho Braga como “o divisor de águas da crônica do século XX e o cronista maior da modernidade” (BENDER; LAURITO, 1993:40).

Segundo o pesquisador Flávio Loureiro Chaves (2002), Rubem Braga foi um observador capaz de desentranhar o significado das coisas, quer se tratasse de uma batalha nos campos da Itália ou de um diálogo com o carregador de burros no interior do Piauí. Natural de Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, o cronista sempre se considerou jornalista. “Trabalho por encomenda”, dizia. Os fatos eram sua matéria-prima. A partir de situações triviais, arrancava a beleza dos acontecimentos. Com ele, a crônica atingiu um patamar artístico apreciável.

Sem dúvida, se tratava de um cronista, de um narrador e comentarista dos fatos corriqueiros de todo dia, mas algo ali transfigurava a crônica, dando-lhe consistência literária que ela jamais tivera. (ARRIGUCCI JR., 1985:5)

Davi Arrigucci Jr. (1985), no prefácio do livro Os melhores contos de Rubem Braga, faz uma síntese acurada do estilo de escrita do capixaba. Para o crítico literário, os textos continham “uma prosa cheia de achados de linguagem, conseguida a custo, pelejando-se com as palavras: um vocabulário escolhido a dedo para o lugar exato; uma frase em geral curta, com preferência pela coordenação [...]; uma sintaxe, enfim, leve e flexível que tomava liberdades e cadências da língua coloquial, propiciando um ritmo de soltura sem par na literatura brasileira contemporânea” (1985:6).

Carlos Drummond de Andrade também destacou a lucidez e a clareza do cronista – “diante da vida em si, e das coisas naturais” –, e Paulo Mendes Campos focou o enorme talento e a inteligência despretensiosa do amigo. “Aprendi bastante com ele [...], acima da literatura e do mundo, minhas lições melhores foram sobre a paixão ou frivolidade das mulheres”, relatou. José Lins do Rego e Manuel Bandeira o qualificaram como um grande poeta – “disfarçado em jornalista”, para o último.

Braga na crônica é sempre bom, e quando não tem assunto então é que tripula melhor: mestre no puxa-puxa, espreme no palmo da coluna certa inefável poesia que é só dele. (“Velho Braga” – Manuel Bandeira, 13/01/1963)

No entanto, o escrever para Rubem Braga era uma atividade torturante. “Quando lemos suas crônicas, temos a sensação falsa de textos fáceis e fluentes” (CASTELLO, 1996:70). A

constatação do jornalista José Castello, o da impressão de naturalidade, de pouco esforço e de conversa fiada, se contrapõe ao incômodo que o cronista sentia na produção dos textos. Mesmo que fossem destinados a um gênero aparentemente “secundário e passageiro” ou, como já vimos, um gênero “menor”.

Em princípio, as crônicas não pretendem ficar; são circunstanciais e sem importância propriamente literária. Por isso, são fugazes como a matéria de que tratam – os fatos do dia; como os dias, passam, confundindo-se com a matéria propriamente dita onde são impressas – descartáveis como as folhas de jornal. No entanto, a sensibilidade de Braga para a poesia das coisas que se perdem parece ter-se aguçado no trato profundo com o próprio meio moderno que escolhe para se exprimir, como se o jornal lhe tivesse afinado o senso do instantâneo e do perecível. Assim como as outras coisas de que tratam, as crônicas se destinam ao mercado e valem pela novidade imediata. Neste caso, porém, são fruto de um trabalho que caminha numa direção oposta. A seu modo, o cronista narrador é um artesão ilhado no meio da indústria da informação. [...] Num mundo como o nosso, já bastante estandardizado, de relações reificadas, onde tudo pode virar mercadoria e em si nada valer, o velho Braga, em meio ao mais efêmero, não apenas nos dá a impressão súbita do momento de beleza fugitiva, mas a dignidade e a poesia do perecível, quando tocados por um dedo humano. (ARRIGUCCI, 1985:26-27)

Nelson Rodrigues é um outro autor que contribui para a dignificação da crônica como gênero no Brasil. Dramaturgo e teatrólogo, Nelson brindava o estilo com personagens reais e seres ficcionais, que coexistiam e dialogavam entre si ou com o próprio autor, e levantava cenários impressionantes em sua imaginação. Com um senso de humor apurado, criticava ferozmente a quem batizou de “idiotas da objetividade” – aos que só enxergavam os fatos, e nada mais que isso, bradava: “Pior para os fatos”. Nelson via o mundo do buraco da fechadura, como costumava se referir.

Nas crônicas esportivas, o futebol nunca pareceu ser o tema principal, e sim uma metáfora da batalha de paixões e tragédias que move a existência humana. O chamado esporte bretão era apenas um pretexto para o olhar do dramaturgo vagar por outros horizontes. “Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola” (RODRIGUES, 1993:104). Há o homem que treme, que luta, que supera e é superado, que humilha e é humilhado, que se orgulha, que tem medo e mete medo, que busca forças e vence os infortúnios.

Nelson foi além, e tentou desvelar a identidade do brasileiro a partir da paixão pelo futebol. Durante a preparação para a Copa de 1958, o cronista apontou o principal problema

que assolava o escrete nacional. Não era técnico ou tático; muito menos remetia ao poderio dos adversários. Estava nos nossos jogadores e podia ser estendida ao povo. “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” (1993:52).

A cada crônica, a cada parágrafo, Nelson nos contemplou com uma visão “óbvia”, que subvertia radicalmente o senso comum, as verdades estabelecidas e as unanimidades burras. Um “óbvio ululante”, peculiar apenas aos “profetas”. É interessante lembrar que o jornalista não enxergava direito. Da tribuna de imprensa do Maracanã, a situação piorava. Precisava sempre de alguém ao seu lado soprando os lances que a vista não alcançava. Mas a percepção e acuidade ao lidar com assuntos aparentemente triviais transformaram seu texto em uma obra-de-arte eterna e o nome Nelson Rodrigues em um dos maiores símbolos da crônica. “Não se sabe direito o que ele enxergava nos campos de futebol, mas o resultado literário era claro e inigualável” (MARQUES, 2003:11).

Os decênios posteriores foram marcados pelo surgimento de representantes que contribuíram para o fortalecimento do gênero no Brasil. O futebol ganhou também o seu ingresso e, diante de milhares de admiradores, não fez feio. Até hoje os cadernos de esportes são bastante disputados, na busca de informações e opiniões que extrapolam os noticiários do dia-a-dia.

3. Um gênero menor ainda

“Os cronistas de futebol são uns privilegiados que começam a jogar quando a partida termina. É por isso que ganham todas.”

(Armando Nogueira)

3.1 – O esporte na crônica

Existem frases que pegam. Ficam no nosso inconsciente e emergem em situações convenientes. Como esta: “O jogo é jogado dentro de campo”. A crônica esportiva vem se especializando em desmentir tal afirmação. O jogo também é jogado nas análises que precedem e sucedem as partidas, nos comentários que transcendem o espetáculo e nos vãos de imaginação que eternizam o efêmero.

A partida não acaba no apito do juiz. Pelo contrário. É o momento de os especialistas calçarem as chuteiras. Para Armando Nogueira, o privilégio reside aí. Não tem nó tático ou jogada ensaiada que os pegue de surpresa. O cronista não fura um chute por causa do gramado ruim nem perde o título porque o fera do time se machucou no aquecimento.

Mas nem todos se destacam nessa “selva de botinadas”. Por dar o pontapé inicial após o término da peleja, o cronista futebolístico precisa buscar a formação ideal no texto, que fuja dos lugares-comuns e priorize o talento. A habilidade com a escrita assemelha-se à criatividade com os pés.

Paulo Mendes Campos certa vez escreveu que a imprensa esportiva brasileira estava à espera de sua “Semana de Arte Moderna”. Segundo ele, a crônica futebolística era coisa ultrapassada, gongórica, mal resolvida. A inverdade na afirmação de Mendes Campos surpreende, em um autor tão moderno em sua prática de cronista. Se vivo fosse, Nelson Rodrigues convocaria o “óbvio ululante” para mostrar ao botafoguense que a “Semana de Arte Moderna” chegou ao gênero esportivo apenas quatro anos depois de 1922, na entrevista do irmão Mário Filho com o goleiro Marcos Mendonça. A matéria ocupou meia página do jornal, em uma época em que o esporte vivia “empurrado, escorraçado para um canto”.

A entrevista de Marcos foi para nós, do esporte, uma Semana de Arte Moderna. Em meia página, Mário Filho profanou o bom gosto vigente até em jornal de modinhas. Ao mesmo tempo, fundava a nossa língua. E não foi só: — havia também, no seu texto, uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático

e humorístico que ninguém usara antes. Criara-se uma distância spectral entre o futebol e o torcedor. Mário Filho tornou o leitor íntimo do fato. (FILHO, 1994:9)

É com base nesse feito que Nelson celebra o nascimento da crônica esportiva brasileira em 1926, tendo como pai e tutor Mário Filho. “O que era e como era a crônica esportiva antes de Mário Filho? Simplesmente não era, simplesmente não havia” (FILHO, 1994:8). Hoje, porém, se fizermos um levantamento dos melhores textos publicados na imprensa brasileira, certamente vários deles estarão relacionados à seção de esportes.

O prefácio do livro O sapo de Arubinha, além de demarcar a “invenção” do gênero esportivo, é um poço cheio de confissões de respeito e admiração de Nelson pelo irmão. O título “O Homem Fluvial” ilustra bem a relevância de Mário. “Mário Filho era um desses homens fluviais que nascem de vez em quando. Disse ‘fluvial’ e explico: — imaginem um rio que banhasse e fertilizasse várias gerações” (FILHO, 1994:7).

Nelson confessa ainda que na sua opinião Mário sempre foi o maior escritor de todos. “Se Deus entrasse em minha sala e perguntasse: ‘Você queria escrever como Guimarães Rosa ou Mário Filho?’, eu responderia, de frente alta: Mário Filho, mil vezes Mário Filho” (FILHO, 1994:11). Para o dramaturgo, o irmão usava a “palavra viva, úmida, suada” em uma época em que os jornalistas escreviam de fraque e cartola. Sérgio Cabral, em artigo intitulado “Os craques da crônica” (*Jornal do Brasil*, 21/05/1994), reforça que o estilo do cronista sempre esteve bem acima do nível médio dos colegas.

O próprio Nelson Rodrigues subverteu os padrões e embarcou nas características modernas da escrita literária – humanismo, linguagem coloquial, transfiguração do banal e valorização do trivial e dos personagens marginais. O teatrólogo buscava na arena do futebol as inspirações necessárias para mergulhar fundo em suas obsessões. Armando Nogueira escreveu que o futebol para Nelson sempre foi e há de ser arrebatamento. “Quem ganha e perde as partidas é a alma” (RODRIGUES, 1993:26).

Para refutar o deslize de Paulo Mendes Campos, seria possível citar vários profissionais que se destacaram ao longo da história, com suas singularidades e diferentes graus de talento. Todos, porém, seguidores dos ideais modernos.

Dispomos de João Saldanha, da escrita fácil e envolvente, da agudeza analítica, da busca incansável pelo “futebol-arte” e da valorização de uma identidade nacional própria. Ou então o estilista Armando Nogueira, o observador Luis Fernando Veríssimo, o ácido Juca Kfourri (no capítulo 5 teremos mais contato com as características de cada um deles), entre tantos outros, jovens ou veteranos, que mantêm a tradição do gênero ainda menor – e ainda mais

familiar ao leitor, ainda mais atual, que não tem nada de gongórico e que a cada dia se renova, recria e fortalece.

Apesar disso, a crônica especializada enfrenta a mesma desconfiança da crônica de costumes e, mais antigamente, dos folhetins. “Jornalismo ou literatura?”, perguntam os estudiosos. Em meio à hesitação, o comentarista esportivo Paulo Vinícius Coelho (2003) se mostra convicto ao sustentar que os textos de Mário e Nelson não podem ser classificados como jornalismo, e sim como ficção. Coelho reconhece que as crônicas dos irmãos, recheadas de drama e poesia, enriqueciam as páginas dos jornais, porém considera impossível lê-las sem dar-se conta da imprecisão dos relatos.

É só olhar, por exemplo, a maneira como [Nelson Rodrigues] descreve o terceiro gol do Brasil no Mundial do Chile, em 1962: “Djalma Santos pôs a bola na área e Vavá, com seu peito de aço, meteu a cabeça nela, fazendo 3 x 1”. A descrição correta deveria incluir a falha do goleiro Schroiff. E contar que, de fato, Vavá meteu o pé direito na bola, não a cabeça. (COELHO P. V., 2003:18)

Os tempos eram outros: do futebol no estádio e no rádio – e não do “videoteipe burro”, que Nelson tanto repudiava, ou das limitações do campo visual na televisão, que Saldanha relatava. A preocupação de Paulo Vinícius Coelho vaga pelos setores da informação correta. “Entre a lenda e a verdade, a literatura vai sempre preferir a lenda. O jornalismo deve preferir a verdade” (2003:18). O problema, esclarece, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo do que não é.

De fato, a presença do gênero na seção de esportes sempre provocou interrogações. Raramente se reconhecem nos textos “menores” de uma atividade “menor” valores que vão além do carrinho dado, do escanteio cobrado ou do gol marcado. O historiador e filósofo Johan Huizinga atesta: “[...] a civilização se tornou mais séria, devido ao fato de atribuir ao jogo apenas um lugar secundário” (1938:85).

Nesse contexto, os “idiotas da objetividade”, criados por Nelson Rodrigues, talvez raciocinem: “São apenas 22 brucutus correndo atrás de um objeto esférico”. Na imprensa, há tempos eles dividem a arquibancada com os “entendidos”.

O que é o “entendido”? Veremos se posso caracterizá-lo. É o cronista que esteve, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta: — o futebol europeu em geral e o inglês em particular eram muito melhores do que o nosso. [...] O “entendido” afirmava mais: — os times de lá não deixavam jogar. Essa foi genial.

Imaginem vocês um time jogando e o adversário assistindo. (RODRIGUES, 1993:183)

O sociólogo Ronaldo Helal nota que “o universo do esporte, com seu espírito de competição e um discurso meritocrático da vitória é um terreno muito rico para as exaltações e comemorações. [...] a sociedade tem a oportunidade de revelar alguns de seus segredos mais profundos” (1990:61). Na crônica futebolística nos deparamos com obras-primas que superam o objeto analisado e usam o esporte como pretexto para apreciar outros horizontes. É possível traçar um paralelo simples pela riquíssima metáfora de Ruy Carlos Ostermann (1998): “Sempre há dois jogos, o do escore e o outro. Às vezes combinam e só então o escore mostra todo o jogo”. O próprio Nelson entou: “Eu sempre digo que uma peleja não é o seu placar. Muitas vezes, o que importa é o que o placar não diz, o que o placar não confessa”.

Dentro da classificação de crônica especializada, Luiz Beltrão (*apud* MELO, 2003b:157) identifica duas vertentes: a crônica analítica (o “escore”) e a crônica sentimental (o “outro”). A primeira menciona justamente os fatos expostos com brevidade e logo dissecados de modo objetivo – o cronista dirige-se mais à inteligência que ao coração. Na segunda, dá-se o oposto. Os fatos são apresentados a partir dos seus aspectos pitorescos, líricos, épicos, sendo capazes de comover e influenciar a ação, num impulso quase inconsciente. Predomina, portanto, o apelo à sensibilidade.

Roberto DaMatta (2001) atenta exatamente para esse caráter expressivo e simbólico da atividade esportiva. Para ele, o esporte atua mais no nível do ideal e do exemplo que no nível do real – além de ajudar na organização das indiferenças, das contradições e dos paradoxos que as rotinas implicam e engendram.

Nesse contexto, vale sugerir que se a pós-modernidade se caracteriza pelo fim das grandes narrativas, o esporte traz de volta as grandes histórias e, com elas, os mais singelos heróis e atos de bravura. [...] a arte e sobretudo o esporte, “ré-encantam” o mundo. (DAMATTA, 2001:25)

Por fim, o antropólogo reconhece ainda a importância do futebol em trazer a tona valores essenciais à renovação dos laços sociais e da própria sociabilidade e assuntos dedicados a discutir dilemas existenciais profundos.

Essas disponibilidades mágicas ou totalizantes, faz com que o esporte transforme-se em ritual e produza dramas que em arenas bem definidas e removidas do mundo

diário (os “estádios” ou “campos”), abrem espaço para muitas revelações.
(DAMATTA, 2001:31)

Discutir futebol é, assim, especular sobre um jogo emoldurado pelo capitalismo, pelos “cartolas”, pelo dinheiro e tudo isso que sempre torna a vida amarga e injusta, mas é também argumentar sobre todos os dilemas, problemas e lances que a vida necessariamente nos faz experimentar independentemente de condição social.
(DAMATTA et al., 1982:15)

3.2 – Parcialidade e literatura

A imparcialidade é um tema que sempre provoca acirradas polêmicas no futebol. De um lado estão os admiradores da crônica esportiva isenta. “Sendo pedaço pequeno do meio jornalístico nada mais coerente que se espelhar na fatia maior”, alegam. Na outra torcida, acomodam-se os defensores da liberdade criativa em um gênero que constrói abrigo no solo frágil da opinião.

Ao escrever sobre futebol, esporte que mexe com a paixão das pessoas, o ego dos atletas e o interesse dos clubes, o cronista assume papéis de mocinho e bandido. Recordo outra frase entranhada em nossa memória: “Há três coisas que não se discutem: política, religião e futebol”. Roberto DaMatta (1982) fortalece o dito popular ao notar que tudo que é sério e apaixonado, é discutido e jamais falado. No Brasil, onde o rapaz aprende a amar o clube e a venerar as cores da camisa ainda na barriga da mãe, é complicado falar de neutralidade.

Não é raro, porém, ouvir comentários de que tal cronista criticou determinada equipe porque torce pelo time rival. Ou então que não tolera o jogador fulano ou o dirigente beltrano. Salvo as exceções – de profissionais ligados a entidades ou marcas desportivas ou empresários –, a preocupação do especialista não é a de elevar ou rebaixar um atleta ou um clube, mas sim analisar o espetáculo e o contexto.

Em entrevista ao repórter Marco Aurélio Rodrigues, do *Jornal dos Sports*, reproduzida no livro Fla-Flu... e as multidões despertaram!, Nelson Rodrigues deixa bem claro o que pensa sobre a imparcialidade na crônica esportiva. Perguntado se quando escrevia era torcedor, Nelson responde: “Nunca que sentei para escrever tive a preocupação de ser neutro”. Em seguida, o entrevistador pede a sua opinião sobre os cronistas que dizem não torcer por time algum. Fluminense apaixonado, alfineta: “Mais do que a covardia, existe é cinismo naqueles que negam torcer por um clube. Ou, pior que isto – uma importância de sentimento, mais humilhante que a física” (1987:133).

Na coletânea Fla-Flu..., há uma crônica intitulada “Ai de nós”, em que o dramaturgo retoma o assunto da neutralidade. Sob o questionamento de um leitor – “Um cronista não é obrigado a ser imparcial?” – Nelson devolve de bate-pronto:

Realmente, qualquer um dos meus colegas, antes de começar a escrever, toma ares de isenção e objetividade. Realmente, porém, isso é uma pose. O ser humano é capaz de tudo, até de uma boa ação. Não é, porém, capaz de imparcialidade. Vejamos o futebol, por exemplo. [...] Os colegas mais delicados fingem melhor e representam de imparcial. Mas até hoje, que eu saiba, está para nascer o cronista isento. (RODRIGUES; FILHO, 1987:139-140)

A paixão não compromete a qualidade do texto, a isenção ou a honestidade do emissor. Ao contrário de um senso comum bastante enraizado, a paixão é compatível com a razão e com a análise crítica. Nelson era tricolor, mas soube falar do Flamengo e do Botafogo tão bem, ou melhor, que muitos rubro-negros e alvinegros. O mesmo pode-se assegurar do corintiano Juca Kfourri, primeiro a criticar o time de coração, ou do flamenguista Roberto Assaf. Em seus momentos mais altos, a crônica funciona como um poderoso espaço de conhecimento e reconhecimento do outro.

Quem me conhece tem consciência de que serei eternamente fanático por um clube, o que pode até representar um defeito dentro da minha atividade, mas sabe também que sempre tive a qualidade de separar o joio do trigo. [...] O futebol não sobrevive sem paixão. Mas jamais deixei me impregnar. Pois tinha um objetivo que ia além da arquibancada. Assim, me sinto sempre à vontade para falar de tudo, inclusive do meu clube, muito mal, quando é preciso. (“Crônica para um ‘torcedor’ imbecil” – Roberto Assaf, 18/03/2005)

O que Juca Kfourri (2001) chama ainda de “tensão entre o que é notícia, informação e emoção” ultrapassa o universo da crônica. É um dilema também do jornalismo esportivo diário e, logicamente, dos profissionais da área.

É evidente que é impossível você fazer um jornalismo esportivo bem feito, se você não passar emoção. Uma tensão que te está dada desde criancinha, quando você escolhe um time e, depois, vira profissional. E você, amanhã, é obrigado a cobrir o teu time. Agravado nos momentos de seleção brasileira, quando, é claro, todos vamos cobrir a Copa do Mundo torcendo para que o Brasil seja campeão. Isso é

indiscutível, é inegável. Mas torcendo, não distorcendo, para usar o chavão.
(KFOURI, 2001:137)

A análise “ao inverso” que o autor faz também é valiosa para entender a dimensão da situação. Kfouri explica no artigo “Jornalismo esportivo: uma visão crítica”, apresentado durante o *Seminário de Comunicação do Banco do Brasil*, em 2001:

A tensão é: “eu vi o pênalti contra o meu time”. “Mas foi pênalti mesmo?”. “O lance é duvidoso”. “É duvidoso porque é contra o meu time?”. “Se fosse a favor, eu acharia duvidoso?”. Isso leva ao jornalista preocupado em ser imparcial, com muita frequência, a cometer o erro oposto de, quando é com teu time, você é contra, até prova em contrário, para que não acusem de estar cobrindo parcialmente.
(KFOURI, 2001:137)

Mesmo quando a paixão e a parcialidade não fazem referência (e reverência) a um clube, mas a um jogador, existe o conflito. Por sempre elogiar o atacante Romário, Armando Nogueira é colocado contra a parede e interrogado com virulência por um leitor aborrecido. “Pela internet, alguém que se assina Coelho me pergunta quanto me paga, por mês, o Romário.” Com lirismo e irreverência, o cronista contra-ataca:

Abrirei o jogo. Romário me paga, sim, e daí, Coelho? Temos um acordo tácito pelo qual ele entra com seus belos gols e eu com meus adjetivos. É toma-lá-dá-cá. Nada de vil metal. Nem real, nem dólar. É na base do escambo. (NOGUEIRA, 2003:41)

Essa parcialidade possibilita aproximar a crônica ainda mais da literatura. Ela dá chance ao narrador experimentar técnicas e ensaiar estilos, como se transportar para o lugar da pessoa ou do objeto analisado e se travestir de personagem da história – entre outros métodos. Só pelos títulos, que parecem nem falar de futebol e podem ser facilmente confundidos a títulos de obras literárias, já notamos essa veia artística saliente.

- “A grã-fina das narinas de cadáver” (Nelson Rodrigues)
- “Cento e oito maus desejos” (Luis Fernando Veríssimo)
- “O carnaval da banda de Clarins” (Mário Filho)
- “O dia em que vi o Rei chorar” (Juca Kfouri)
- “O divino delinquente” (Nelson Rodrigues)

- “O problema é o quase” (João Saldanha)
- “Regente e solista” (Armando Nogueira)

A literatura se move com rapidez na direção do futebol, assim como o futebol se abre para lances de poesia. Talvez guarde aí o segredo que torna a modalidade tão amada. O jogo, como frisou Huizinga (1938), é um faz de conta sério. “Perder, ganhar ou empatar é o que há de mais intranscedente” (RODRIGES; FILHO, 1987:99). A poesia está nos dribles de Garrincha, em Didi sem Guiomar, nas incessantes vaias a Julinho, no “frango” do goleiro, na bofetada silenciosa, na cusparada metafísica, na baba elástica e bovina de Amarildo, no Sobrenatural de Almeida, no perdão do marido traído em vitória da Seleção Brasileira. “O esporte [...], por si só, é um terreno propício ao surgimento de mitos, imagens e heróis” (HELAL, 1990:36).

Me vem à lembrança uma terceira frase, nem tão habitual assim, mas que talvez alguns já tenham lido ou escutado: “A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakesperiana”. O autor é ninguém menos que Nelson Rodrigues, que encerrou em uma de suas crônicas: “O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão” (1993:104).

4. Tostão em três tempos

“Quem viu Tostão pode se considerar uma pessoa feliz. Ele nos contemplou com as melhores lições de bom gosto que o futebol é capaz de dar ao esporte. Era um artista de rara lucidez. Driblava em silêncio, em silêncio passava, em silêncio fazia o gol.”

(Armando Nogueira)

4.1 – O boleiro

Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, nasceu para o futebol aos 16 anos, quando assinou o primeiro contrato profissional da carreira, com o Cruzeiro. Nem passava pela cabeça do garoto que uma década depois, em 1973, encerraria a trajetória vitoriosa de maneira precoce. Muito menos imaginava que às vésperas do novo século se consagraria como um dos maiores cronistas esportivos brasileiros.

A história do mineiro, com a bola, começa “oficialmente” em 1953. O canhotinho de corpo franzino já desfilava o seu talento no meio dos garotos mais velhos do conjunto habitacional dos industriários, em Belo Horizonte. O segundo gol da vitória por 2 x 1 do time de bairro contra a equipe infantil do Atlético foi apenas o início da saga. Até pendurar as chuteiras, o jogador amadureceu, viveu dificuldades, superações, alegrias, sonhos, frustrações, conquistas e dores.

Em 1966, o ídolo cruzeirense foi chamado para a sua primeira Copa do Mundo, junto de Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Garrincha e Pelé. Aliás, foi em cima do camisa 10 do Santos que o camisa 10 do Cruzeiro, formando o famoso tripé ao lado de Piazza e Dirceu Lopes, conquistara a Taça Brasil do mesmo ano. O êxito lhe rendeu a vaga no escrete canarinho aos 19 anos de idade.

A desclassificação ainda na primeira fase do torneio da Inglaterra poupou pouquíssimos atletas das críticas. Tostão foi um deles. Mesmo assim, a titularidade na seleção não estava assegurada. Com João Saldanha no comando, em 1969, o canhoto habilidoso – que na infância fazia as vezes de ponta-esquerda – passou da reserva de Pelé a efetivo no ataque. Na formação das “feras de Saldanha”, Tostão se tornou o artilheiro das eliminatórias para a Copa de 70.

O que se viu, se lê e se sabe hoje sobre o craque, quase virou fábula. A memória em videoteipe, os jornais, livros e revistas confirmam, se não um final feliz, uma vida recheada de glórias nos gramados. A noite de 24 de setembro de 1969 poderia ter finalizado de uma vez

por todas os sonhos do rapaz que começou no time de coração do pai, o América, e brilhou no Cruzeiro. Um chute precipitado do zagueiro Ditão, na partida entre o clube celeste e o Corinthians, pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, causou o descolamento da retina do olho esquerdo de Tostão. Na sua obra autobiográfica, o ex-jogador descreve o lance assim:

Corri atrás da bola, escorreguei e caí junto com ela. Ditão rebateu com toda a força, e a bola molhada chocou-se contra meu olho esquerdo. Se ele fosse craque, daria um toque para o lado, sairia com a bola, mas não teve nenhuma intenção de me atingir. (TOSTÃO, 1997:57)

O meia teve de ser operado em Houston, nos Estados Unidos. A angústia em saber se conseguiria atuar no Mundial do México transformou-se em alívio a partir da liberação dos médicos, mesmo com as pequenas hemorragias que o deixavam sempre com o olho bastante vermelho. De volta ao selecionado – sem o célebre Saldanha, substituído por Zagallo –, o mineirinho precisou provar mais uma vez que ele e outro mineiro, Pelé, podiam jogar juntos. Não só convenceu o treinador, como ajudou a seleção a levantar o tricampeonato e encantou a imprensa européia, que o considerou o melhor jogador da competição. A magia do camisa 9 também contagiou a crônica esportiva nacional.

[...] o que eu queria chamar a atenção de vocês é para o abnegado e formidável esforço de Tostão. Saído de uma crise vital, aceita todos os riscos para servir ao escrete. De quinze em quinze minutos, seu futebol cresce. Está entre os cinco ou seis maiores jogadores do mundo em todos os tempos. (RODRIGUES, 1993:185-186)

Os próprios torcedores presentes na final contra a Itália, no estádio Azteca, invadiram o campo para tentar levar qualquer lembrança do campeão.

Onde estão as palavras para contar a vocês e a mim mesmo que Tostão está morrendo asfixiado nos braços da multidão em transe? Parece um linchamento: Tostão deitado na grama, cem mãos a saqueá-lo. Levam-lhe a camisa levam-lhe os calções. Sei que é total a alucinação nos quatro cantos do estádio, mas só tenho olhos para a cena insólita: há muito que arrancaram as chuteiras de Tostão. Só falta, agora, alguém tomar-lhe a sunga azul, derradeira peça sobre o corpo de um semi-deus. (NOGUEIRA, 1997:26)

Após a Copa, o jogador retornou a Belo Horizonte. Em 1971 e 72, o formidável time do Cruzeiro não foi o mesmo. O título estadual havia escapado e as atuações da equipe não se comparavam as da década anterior. Alguns jornalistas culpavam os atletas renomados, tachando-os de mercenários. Para dar um jeito à situação e uma resposta aos que cobravam melhores resultados, contratou-se o treinador Yustrich, conhecido pela fama de disciplinador. Tostão se sentiu ofendido com a atitude da diretoria cruzeirense e disse que não jogaria mais pelo clube. No mesmo ano de 72, acabou indo para o Vasco da Gama.

A passagem pelo Rio de Janeiro foi breve. Durou exato um ano. A falta de profissionalismo dos companheiros e dirigentes assustou o jogador. O problema no olho reapareceu e ele submeteu-se a uma nova cirurgia. No entanto, o diagnóstico foi enfático: sem condições de jogar futebol e sob o risco de perder totalmente a visão do olho esquerdo.

4.2 – O doutor

Aos 26 anos de idade Tostão pendurou as chuteiras. Triste com o término da carreira, ainda teve de enfrentar o Vasco na Justiça – para provar que estava apto a jogar quando assinou com o clube cruzmaltino e para receber os salários até o fim do contrato. O ex-atleta ganhou a causa. Decepcionado e amargurado, se escondeu de todos, e não queria mais ouvir falar de futebol.

De 1973 a 94, Tostão permaneceu afastado do mundo da bola. Via apenas os jogos importantes na tevê e raramente ia aos estádios. “Quando o inconsciente se manifestava, sonhava que estava fazendo gols, dando passes, sendo campeão. O sonho é o reflexo da alma, nossa verdade” (TOSTÃO, 1997:98).

Durante os anos de reclusão, Eduardo Gonçalves resolveu encarar as coisas reais, a vida de gente e fugir da imagem de ex-ídolo. Queria aproveitar a tranquilidade, a privacidade e a liberdade de passear na rua sem sentir constrangimento dos olhares alheios. Estudou duro e passou na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Se esforçou mais ainda nos 12 semestres de medicina e completou o curso entre os cinco melhores de uma turma de 160 alunos.

A obsessão pelo tratamento dos doentes sempre foi acentuada. A responsabilidade e o orgulho de ser um bom médico aliavam-se ao medo de cometer algum erro grave. Por dois anos trabalhou como residente no Hospital das Clínicas da própria universidade. Tempos depois, flertou com a função de professor. A investida deu certo e o ex-atleta começou a

lecionar semiologia – matéria que ensina ao aluno como conversar com o paciente, examinar e fazer um diagnóstico.

Tostão deu ainda aulas práticas no hospital e, além da parte técnica, procurava ensinar aos pupilos o respeito aos pacientes e a compreensão de suas emoções. Desse período, o professor e médico guarda recordações que se alternam em sentimentos ambíguos.

Dedicava-me ao ensino com entusiasmo, orgulho e prazer. Descobri que todo professor gosta de aplauso e que eu não fugia à verdade número um do ser humano: a vaidade. O professor, como o comentarista, sempre tem a ilusão de que o que fala é importante. [...] Vi muita tristeza, pacientes morrendo diante da nossa fragilidade médica, e tive a alegria de ajudar muitos outros. [...] Conhecendo o sofrimento do ser humano, aprendi a respeitá-lo. (TOSTÃO, 1997:102)

O contato com as dores humanas aproximou Tostão da teoria psicanalítica. As obras de Sigmund Freud o estimularam. Com a base da psicanálise e da psicossomática pesquisaria os mistérios do corpo, da vida e da morte. A nova desilusão não tardou a chegar. “A medicina é na verdade uma ciência muito mais biológica e estatística do que humana” (1997:99).

4.3 – O cronista

Na Copa de 90, o ex-jogador viajou à Itália e assistiu a algumas partidas do Mundial. Em 1994, na véspera do torneio dos Estados Unidos, Tostão recebeu um convite para compor a mesa-redonda diária da *TV Bandeirantes*. A proposta despretensiosa foi aceita pelo doutor Eduardo. Um mês, e 52 partidas depois, milhões de brasileiros saíam às ruas extasiados de emoção com a conquista do tetracampeonato. Enquanto isso, outros tantos comemoravam o reencontro de Tostão com o futebol. Um casamento antigo, que sofreu uma ruptura forçada em meados de 1970, e ainda mobilizava uma paixão intensa.

No entanto, as câmeras e todo o aparato televisivo intimidavam o mineiro. Quando não precisava aparecer no vídeo – em comentários de jogos, por exemplo –, tudo corria bem. Mas Tostão sempre demonstrou um apego maior pela escrita. Cobriu outra Copa trabalhando em tevê, pela *ESPN Brasil*, e colaborou com a revista *Placar*. No campeonato de 2002, a opção já estava cravada: as páginas dos jornais à telinha.

Há algum tempo, desde 1996, o ex-jogador largou a medicina e assumiu de maneira integral a profissão de cronista. Com uma coluna bissemanal em vários periódicos do país, Tostão demonstra a mesma desenvoltura dos tempos em que regia o time do Cruzeiro. O

craque dos gramados se converteu em um craque das letras. Trocou os gols, os passes precisos, as tabelas com Natal, Dirceu Lopes, Zé Carlos e Evaldo, por análises agudas, sensíveis e lúcidas sobre futebol – nem sempre apenas sobre futebol.

Admirador de Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade, o ex-atleta mantém o saudável costume de citá-los em seus textos. Admirado por diversos escritores, se acostumou a ser personagem de deliciosas narrativas. Como “À sombra dos criouloões em flor”, em que Nelson Rodrigues descreve a volta por cima de Tostão no amistoso de 12 de junho de 1969 contra a Inglaterra, no Maracanã. Uma síntese do espírito de superação e da criatividade do craque.

[...] a maioria dos locutores, principalmente os paulistas, continuava a exigir a retirada de Tostão. E, no momento em que mais se exasperavam contra o maravilhoso jogador, Tostão é derrubado, deita-se na grama e faz o gol! Foi um assombro. Em pé, Tostão já é pequeno, pequeno e cabeçudo como um anão de Velásquez. Imaginem agora deitado. (RODRIGUES, 1993:149-150)

5. Nos campos da crônica

“Voltar ao esporte e ao futebol é reencontrar-me comigo mesmo, com meu passado, apagar as mágoas, decepções que tive durante a minha carreira. É encontrar e conviver com pessoas queridas que eu não via há muito tempo. É poder falar de um assunto de que gosto e compreendo. Eu tinha uma visão preconceituosa, a de que o esporte cultivando o corpo é um assunto menor, não intelectual, primário, popular. Saindo do esporte faria uma carreira maior, mais importante, mais culta. Estava enganado. O esporte é uma atividade humana altamente criativa e principalmente rica em emoções. É a partir do corpo que ocorre o primeiro contato com os sentimentos. O corpo fala primeiro. O corpo não mente, não racionaliza. Por isso o esporte é tão amado, pois ele é real, verdadeiro, direto.”

(Tostão)

5.1 – Nostalgia e lucidez / Profissionalismo x Amadorismo

Qual equipe você escolheria: o Brasil de 70 ou de 82? O São Paulo de Telê ou o Palmeiras de Luxemburgo? E que atleta jogou mais: Pelé, Garrincha ou Maradona? Zico ou Romário? Zinho ou Rivellino?

Aquele que nunca pôs lado a lado, no imaginário, times e estrelas de épocas distintas não tem como se proclamar um amante do futebol. João Saldanha conta na crônica “Time formado?” (29/05/1982) que um dia o perguntaram se Zico tinha vaga na Seleção Brasileira de 1970. “Respondi sem pestanejar que sim”, revela. “Insistiram: ‘Onde?, no lugar de quem?’. Respondi não sei. Mas eu arrumaria um lugar para ele de qualquer maneira” (2002:68). A comparação talvez faça parte da nossa necessidade em descobrir quem é o melhor. “No esporte, em geral, nunca se está competindo apenas com o adversário. Também se está competindo com os feitos e heróis do passado” (HEMAL *et al.*, 2004:67).

A crônica esportiva é mestra na nostalgia. Basta um papel e uma caneta para ela evocar o passado com o entusiasmo de quem narra um acontecimento épico. Não que isso necessariamente seja ruim. A história de um povo, e sua memória, é formada pelas evocações. Certa vez, Armando Nogueira respondeu a um leitor que implicava com os recorrentes temas nostálgicos de sua coluna: “Até parece que, um dia, ele não terá passado, também. Afinal, todos passaremos” (2003:19). O perigo é virar refém do pretérito e não buscar mais a conjugação do verbo no presente.

Saudosista de marca maior, Nelson Rodrigues nunca escondeu a preferência que tinha pelo futebol praticado entre 1910 e 1950. Na época, o manifesto do escritor era contrário ao

estilo de jogo das décadas de 50 e 60 – o qual os cronistas atuais usam como modelo ideal e objeto de confrontações. Nelson dizia que o futebol antigo era um fenômeno vital muito mais rico, complexo e intrincado. “Hoje, os jogadores, os juízes e os bandeirinhas se parecem entre si como soldadinhos de chumbo” (1993:15). Frase que também se encaixaria perfeitamente no discurso dos comentaristas de hoje.

O debate em torno da qualidade do futebol a partir dos diferentes contextos históricos é intenso. A própria história tende a selecionar quem terá ou não a biografia contada nos livros. Enquanto inclui uns, exclui a maioria.

Às vezes tenho a impressão de que tudo o que mostraram e disseram sobre o Garrincha foram mentiras com o apoio da mídia. [...] Não dói sentá-lo na cadeira ao lado da que está o Pelé. Fico sem entender os motivos que empurraram o Garrincha para o ostracismo. Já foi esquecido em vida e agora – deve ser nostalgia da minha parte – tentam bani-lo da relação de gênios da bola. É muito descaso para um homem só. Daqui a pouco, as novas gerações duvidarão da existência do Garrincha. Dos seus feitos. (“Não esqueçam do Garrincha” – Paulo César Vasconcellos, 13/04/2005)

Mesmo tratando do jogo atual, Tostão procura beber da fonte do passado. Não é à toa que no texto “Reinvenção do futebol” o cronista fala de Ronaldinho Gaúcho listando as qualidades que o aproximam de craques de ontem e hoje.

Ao unir fantasia e o espetáculo com a eficiência e o jogo coletivo, Ronaldinho Gaúcho está reinventando o futebol. Ronaldinho Gaúcho tem muito dos dribles do Rivelino, da visão espacial e dos passes do Gerson, da alegria e irreverência do Garrincha, da velocidade, habilidade e força física do Jairzinho e do Ronaldinho, da técnica excepcional do Zico e da inventividade do Zidane e do Romário. (“Reinvenção do futebol” – Tostão, 7/11/2004)

Além disso, o simples fato de o atleta “reinventar o futebol”, depois de mitos como Pelé, Garrincha, Cruyff e Maradona, mostra a importância que o analista confere ao presente, sem se ater a preconceitos de sua época de jogador – ou anterior a ela – e ao imobilismo que a nostalgia pode levar. O elogio a Ronaldinho Gaúcho é semelhante a quem Tostão considera o “fenomenal centroavante”.

Romário fez nos Estados Unidos a sua despedida internacional no futebol. Ele não foi o mais premiado centroavante de todos os tempos, nem sei se foi o melhor, mas foi o mais genial, o que mais me fascinou. (“Fenomenal centroavante” – Tostão, 14/11/2004)

É interessante observar a postura humilde de Tostão na escrita. Ele abstrai o fato de ter sido um excepcional jogador, campeão e premiado pelo Cruzeiro e Seleção Brasileira. O cronista sabe diferenciar muito bem o que foi dentro de campo, o que foi durante o período em que trabalhou como médico e o que é, hoje, como comentarista de futebol – apesar de aproveitar nas análises todas as experiências que assimilou. Tostão não nega o passado e, ao contrário da linha homogênea dos profissionais da área, reconhece nos dias de hoje valores tão ou mais surpreendentes que os de antes. Quando faz referência ao seu tempo de jogador, o mineiro é prudente e lúcido.

Na minha época já existia a falta isolada, violenta, traiçoeira, mas não havia excesso de faltas desnecessárias com o único fim de parar a jogada, imobilizar o craque. Havia mais respeito ao outro, dentro e fora do campo. O futebol, como a sociedade, era mais ético. Hoje vivemos em uma sociedade narcisista, egoísta, em que vale tudo para satisfazer os desejos individuais, o prazer e a glória das vitórias. (TOSTÃO, 1997:107)

Tostão também mantém os pés em solo quando o assunto é a modernização. Enquanto muitos analistas contemporâneos do ex-atleta vêem restrições, ele aponta que as ciências da computação e da estatística, em vez de diminuírem a criatividade, tornaram o homem mais inteligente e imaginativo. O comentarista atenta para outras inovações – como as jogadas ensaiadas, análises técnica individual e coletiva dos adversários, nutrição especial, exames para medir a função muscular, fisiologia do esforço e, principalmente, a figura do psicólogo –, importantíssimas no futebol.

O que o preocupa, nesse contexto cada vez maior de profissionalização do futebol, é justamente as distorções do modelo, ou seja, a falta de profissionalismo de quem atua no meio – sejam autoridades, dirigentes, atletas, empresários, profissionais da mídia ou da imprensa.

O Brasil voltou a ser campeão do mundo, revelador de craques, mas continua desorganizado fora de campo. Os dirigentes em sua maioria não são profissionais, trabalhando por diversão, vaidade e interesses particulares. Os clubes são mal administrados, e a esperança é a venda de um craque para resolver os problemas

financeiros [...]. Os clubes não pagam corretamente os impostos ao governo, não são responsabilizados pela má administração nem pelos negócios desonestos. Pessoas do esporte, felizmente a minoria, usam o futebol para lucros nem sempre éticos. Dirigentes de clubes e federações misturam o nome das instituições com seus negócios particulares. [...] Os jogadores se dizem mais profissionais, mas não agem assim. Não se reúnem em sindicatos, jogam em péssimos gramados, com calendários apertados, e muitos preferem continuar com o paternalismo [...]. Os empresários dominam o futebol e dizem que esse é um mal necessário. Compram, vendem jogadores, promovem pernas-de-pau com a ajuda de alguns maus profissionais de marketing. Nenhuma transação no futebol brasileiro é feita sem a sua participação, e isso é meio caminho para negócios desonestos com prejuízo dos clubes. (TOSTÃO, 1997:127-128)

O inquieto João Saldanha foi um ferrenho contestador da transformação do esporte em lucro. Na crônica “Eles não gostam de futebol” (27/06/1982), o jornalista rebate a alegação de que “o futebol é negócio empresarial como outro qualquer”. Diz ele: “Profissionais poderão ser apenas as relações entre jogadores e clubes ou entidades”, para logo depois defender que os dirigentes e árbitros, “se quiserem ser sempre dignos da confiança popular, terão de ser eminentemente amadores, esportistas” (2002:123).

Hoje em dia, porém, já existe uma corrente de defesa por parte da crônica esportiva para que os cartolas e mediadores do jogo tornem-se, eles também, profissionais do futebol. A palavra “profissionalização” sempre foi entendida como perda da ludicidade e da magia, principalmente em um ambiente que prega o “futebol-arte” e a malandragem. Mas Tostão acredita ser possível lidar com a realidade de ordem fora dos gramados.

O caminho é a profissionalização do futebol, trabalhando com pessoas não comprometidas e bem pagas. As parcerias atuais com as empresas foram um avanço, mas não são a solução definitiva. O futuro é a transformação do clube em empresa, com ações nas bolsas etc. Muitos são contra porque acham que o futebol vai perder o romantismo, o amor à camisa, e vai ser apenas um negócio, sem emoção. Não penso assim, pois a profissionalização com seriedade vai aumentar o respeito e o compromisso de trabalhar melhor, tornando o futebol mais sério, humano e alegre. (TOSTÃO, 1997:129)

O uruguaio Eduardo Galeano (1995), autor do clássico *Veias abertas da América Latina*, é bastante cético em relação ao assunto. “A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever”, classifica. Na visão de Galeano, o jogo se transformou em espetáculo lucrativo

organizado não para ser jogado, mas para impedir que se jogue. Um futebol de poucos protagonistas e muitos espectadores.

O futebol profissional, cada vez mais rápido, cada vez menos belo, tende a se transformar numa competição de velocidade e força, que tem como combustível o pânico de perder. (GALEANO, 1995:198)

Já em 1938, Johan Huizinga não acreditava na capacidade de o esporte conservar as características lúdicas do jogo. No livro Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura, o filósofo afirma que levado a um grau tal de organização técnica e complexidade científica, o verdadeiro espírito lúdico do jogo se encontra ameaçado de desaparecimento.

Armando Nogueira analisa a conjuntura do futebol da mesma maneira que Galeano e Huizinga, denunciando que os potenciais jogadores são fabricados para serem vendidos e crescem sem o referencial do “amor” – ao clube, à camisa, ao país.

Dadá, Dedé, Didi, Dudu, Zizinho, Zico, Tuca, Vavá, Vevé, Vivi, Canhotoiro, Boiadeiro, Tostão, Beijoca, Jair Bala, Careca. Não é que sumiram os apelidos do futebol brasileiro? [...] Agora, só se vê, em campo, o jogador com nome empolado. [...] A garotada já nasce com nome de passaporte. Prontinho pra ir jogar na Europa. (NOGUEIRA, 2003:168)

O mundo do esporte cada vez mais se mercantiliza. No futebol de negócios, em que o jogador muda de camisa com a frequência com que a lua muda de fase, o beijo tipo amor à primeira vista não me convence. É falso amor. (NOGUEIRA, 2003:22)

Para completar, é importante compreender o conflito entre secularização e sacralização, diretamente ligados à noção do profissionalismo e amadorismo, levantado por Ronaldo Helal (1990). Por secularização o autor entende o “processo pelo qual realidades pertencentes ao domínio religioso, sagrado ou mágico passam a pertencer ao domínio profano” (1990:34). Na história do esporte moderno é possível, de acordo com Helal, distinguir três etapas cruciais e reveladoras.

No caso do futebol, o primeiro período, predominantemente secular, ocorre entre a “invenção” do jogo por parte dos ingleses – ou regulamentação da modalidade – e sua popularização na própria Inglaterra, após a jornada de trabalho dos operários ter sido diminuída.

A profissionalização do futebol na terra da rainha, em 1890, transformou a modalidade em um fenômeno de dimensões quase religiosas. “Quanto mais o esporte se profissionalizava

e se tornava popular, mais próximo ele ficava da esfera do sagrado” (HELAL, 1990:37). No Brasil o panorama foi o mesmo. O futebol surgiu por aqui em 1894, quando o paulista Charles Miller, filho de britânicos, trouxe da Inglaterra duas bolas de couros, camisas, calções, chuteiras e um livro de regras. Da chegada do esporte até as duas primeiras décadas do século XX, ou seja, em sua fase amadora, a modalidade era uma atividade altamente elitista, praticado por jovens brancos e ricos. “[...] foi somente com o advento do profissionalismo em 1933 que o futebol, agora praticado e assistido pelas massas, começou, pouco a pouco, a se sacralizar” (1990:39).

Em um terceiro momento, Helal nota um novo período secular. Para o sociólogo, a secularização parece ser causada justamente pelo excesso dos atributos que, no início do século passado, transformaram o esporte moderno em um evento predominantemente sagrado. “Agora, é a profissionalização e a comercialização que destroem elementos que, outrora, eram considerados sagrados” (1990:42-43).

O discurso ganha força no pensamento de Huizinga. Vale reiterar a data da obra Homo Ludens, de 1938. Nessa época o filósofo holandês já considerava o “choque” entre amadores e profissionais. “O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação” (1938:219).

No entanto, o próprio Helal especifica mais à frente em seu estudo que o universo esportivo ainda é um domínio extremamente fértil para o surgimento e desenvolvimento de aspectos sagrados. A mística do número 10, o peso da camisa do grande clube, o campo como templo, o gol como libertação, os cânticos de guerra e sagração entoados pela torcida, tudo ainda confere ao futebol a sua “fenomenal” capacidade de “reinvenção”, exposta com sensibilidade, conhecimento, lucidez e originalidade por Tostão.

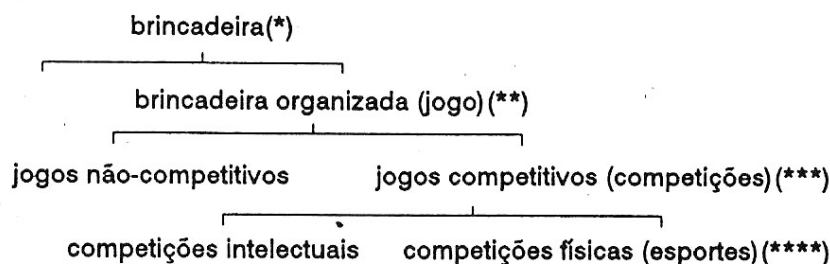
5.2 – Brincadeira, jogo e esporte / A imprevisibilidade do futebol

No livro O que é sociologia do esporte, Ronaldo Helal procura demarcar as fronteiras entre brincadeira, jogo e esporte. O conceito de brincadeira é sugerido como “qualquer atividade espontânea, voluntária, sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão [...] não havendo preocupação com resultados” (1990:24). Enquanto isso, o jogo possui regras fixas e simboliza “a perda da espontaneidade absoluta que existia na brincadeira em troca de uma ordem estruturada” (1990:25). Por causa da existência das regras, o jogo pode ser dividido em não-competitivo e competitivo. No primeiro nível, situado mais próximo da brincadeira e

mais distante do esporte, está o pular amarelinha, o pique-pegas, o pique-bandeira, etc. No segundo, encontramos o futebol, vôlei, basquete, handebol, entre outras modalidades.

A definição de esporte é proposta assim pelo sociólogo: “Qualquer competição que inclua uma medida importante de habilidade física e que esteja subordinada a uma organização mais ampla que escape ao controle daqueles que participam ativamente da ação” (1990:28). Ou seja, o esporte é jogo também, mas possui uma dimensão maior que aquela partida disputada na rua, no colégio ou no campo de várzea. Ao esporte, atribuem-se características de uma estruturação burocrática, “que se situa acima e além dos interesses individuais dos jogadores” (1990:28).

Na página 30 do estudo citado, Helal desenvolve um organograma que nos ajuda a compreender melhor a conjuntura. O modelo coloca o esporte como a versão final da brincadeira.



Grau de organização:

* = nenhum

** = pequeno

*** = grande

**** = organização em grande escala

No caminho, situa-se a “brincadeira organizada”, chamada de “jogo”, subdividindo-se em “jogos não-competitivos” e “jogos competitivos”. Estes carregam o nome de “competições” e podem se ramificar em outros dois níveis: as competições intelectuais (torneios de xadrez, torneios de damas, etc.) e as competições físicas, então denominadas “esportes”.

Johan Huizinga (1938), algumas décadas antes, também demonstrou rigor ao classificar a tríade. Em um primeiro momento, é interessante notar as sutis semelhanças entre a definição de jogo pelo teórico e o conceito de crônica, encontrada no capítulo 2.

Todos os observadores dão grande ênfase ao fato de ser ele [o jogo] desinteressado. [...] Ele se insinua como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização. É pelo menos assim que, em primeira instância, ele se apresenta: como um intervalo em nossa vida quotidiana. Todavia, em sua qualidade de distensão regularmente verificada, ele se torna um acompanhamento, um complemento e, em última análise, uma parte integrante da vida em geral. (HUIZINGA, 1938:11-12)

O autor ressalta que o jogo se distingue da vida “comum” tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. “Enquanto está decorrendo, tudo é movimento, mudança, alternância, sucessão, associação, separação” (1938:11). Todavia, mesmo após seu fim, o jogo permanece, é transmitido e torna-se tradição. Além disso, todo jogo se processa e existe em um espaço previamente delimitado, o que confere um sentido de ordenação.

Ele cria e é ordem. Introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada. [...] É talvez devido a esta afinidade profunda entre ordem e jogo que este [...] parece estar em tão larga medida ligado ao domínio da estética. Há nele uma tendência em ser belo. [...] Está cheio de duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: ritmo e harmonia. (HUIZINGA, 1938:13)

Por conta dessa ligação ao “domínio da estética”, atribui-se ainda o caráter lúdico e libertário das produções artísticas, onde estão incluídas a espontaneidade e a imprevisibilidade. Segundo Roberto DaMatta (2001), o jogo e a arte escapam às perguntas da ciência e da técnica – “para que serve?” e “qual a sua utilidade?” – justamente por estarem conectados muito mais ao mundo simbólico que prático.

É importante se debruçar sobre os preceitos dispostos até agora para entender como Tostão os trabalha em suas análises. No texto “Reinvenção do futebol”, o cronista faz alusão às características de esporte (“tão organizado, tão disciplinado”), jogo (“elas me lembram times de botão”) e brincadeira (“raramente driblam”) fundamentadas por Helal.

O Campeonato Inglês é tão organizado, tão disciplinado, com estádios tão cheios e com gramados tão perfeitos, que até parece que a maioria das equipes joga um bom futebol. Elas me lembram times de botão, em que os jogadores nunca saem da posição e só dão dois toques na bola: dominam e passam. Raramente driblam. (“Reinvenção do futebol” – Tostão, 7/11/2004)

Sem negligenciar os aspectos positivos da profissionalização, Tostão parece se envolver e valorizar mais os elementos lúdicos do futebol. Suas observações costumam evidenciar, em primeiro plano, o “jogo”, apesar de existir uma preocupação corriqueira com o “esporte”. As referências à espontaneidade, em contraponto ao pragmatismo, aparecem por diversas vezes nas crônicas do ex-jogador.

Outro motivo para não se votar no Thierry Henry é a comemoração de seus gols. Ele fica imóvel como uma estátua metida à besta. Nem pisca. Gostaria de entender as suas motivações inconscientes e conscientes para este gesto tão mumificado, incompatíveis com a catarse e a alegria incontida de um gol. Nada mais gostoso na comemoração de um gol do que gritar, chorar, xingar, correr para a galera e tirar a camisa, como fez o Ronaldinho contra o Milan. (“Reinvenção do futebol” – Tostão, 7/11/2004)

Para ser um fenomenal centroavante, é preciso fazer muitos gols, de todos os jeitos, sendo muitos maravilhosos, como fez o Romário. Parafraseando o poeta, que me perdoem os artilheiros, mas a beleza do gol é fundamental. [...] Para ser um fenomenal centroavante, é preciso ser imprevisível, fantasista e inventivo, como era o Romário. (“Fenomenal centroavante” – Tostão, 14/11/2004)

As duas passagens ilustram bem a posição do analista em preservar a ludicidade e a magia do espetáculo. O gesto mumificado de Henry, “incompatível com a catarse e a alegria incontida de um gol”, é visto como algo inferior se comparado à comemoração espontânea de Ronaldinho. Da mesma maneira, para Tostão, o centroavante fenomenal não é só aquele que balança as redes em mais oportunidades. Antes de tudo, precisa ser o jogador “imprevisível, fantasista e inventivo” que faz gols bonitos e encanta a platéia.

DaMatta destaca o ponto primordial para que o esporte seja tão cativante e apaixonante. Escreve ele: “[...] na atividade esportiva, a previsibilidade vai às garras!” (2001:26). Pode-se fazer prognósticos e tentar chegar a um resultado antes de a partida começar, mas não se sabe, efetivamente, quem vai vencer. O jornalista José Trajano reforça a opinião do antropólogo em uma crônica de abril de 2005.

Por essas e outras, o futebol é o esporte mais popular do planeta. Quando menos se espera, tudo dá errado. Zebra! Ao contrário do que pensam os botafoguenses, que acham que há coisas que só acontecem ao clube, todo mundo vive momentos absurdos. (“O Voltaço bagunçou de vez o futebol” – José Trajano, 12/04/2005)

Segundo DaMatta, o esporte é uma atividade agonística e relacional. Ou seja, o desempenho de um atleta ou time depende da atuação do outro, das condições físicas e mentais, do clima, das decisões do árbitro e de vários outros fatores. Para Ronaldo Helal (1990), a incerteza do resultado, aliada ao caráter recreativo do conflito, proporciona ao esporte o desenvolvimento do discurso semelhante ao dos rituais, que buscam solucionar simbolicamente muito dos conflitos cotidianos.

O futebol, onde “as regras permitem uma maior flexibilidade de papéis a serem executados pelos atletas” (HELAL, 1990:52) que outros esportes, tem um lugar ainda mais especial nesse quadro de imprevisibilidade. O que confere uma dose extra de misticismo e destino, como aponta DaMatta.

Um outro elemento que poderia explicar essa irresistível adoção do futebol pelo nosso povo, é o fato desta modalidade de foot-ball ser jogada com a parte mais humilde e mais inevitável do corpo: com os pés e não com as mãos, como ocorre na versão americana deste esporte, o que engendra imprecisão tática, exige uma grande qualidade técnica e faz com que o jogo decorra num ritmo de altas improbabilidades, mesmo quando um time superior joga com um time notavelmente inferior. (DAMATTA, 2001:33)

Tostão tem uma frase que aborda justamente essa improbabilidade mencionada pelo antropólogo. No texto de 15 de dezembro de 2004, intitulado “A ilógica lógica do futebol”, o mineiro constata: “A única lógica do futebol é não ter nenhuma lógica”. A crônica é posterior a uma apreciação do analista em relação ao Campeonato Brasileiro daquele ano, feita três dias antes. Mesmo partindo de dados objetivos, Tostão não dispensa os mistérios do futebol.

Hoje, os resultados mais prováveis são uma vitória do Atlético-PR sobre o Vasco e um empate entre Santos e São Caetano, o que daria o título ao Furacão. (“Furacão perto do título” – Tostão, 12/12/2004)

Como se sabe, a previsão foi por água abaixo. O Atlético Paranaense perdeu por 1 a 0 para o Vasco da Gama e o Santos enfiou 3 a 0 no São Caetano. Os dois pontos de vantagem do Atlético foram superados na vitória do clube paulista, e na última rodada as duas equipes estavam separadas pela diferença de um ponto. No final, deu Santos, que passou com o placar de 2 a 1 pelo Vasco. O rubro-negro do Paraná apenas empatou com o Botafogo por 1 a 1 e terminou na segunda colocação.

Cerca de um mês antes da reviravolta na ponta da tabela, na crônica “Não entendo mais nada” (10/11/2004), Tostão alertava: “Nesta reta final do campeonato, saem os comentaristas e entram os matemáticos. O mais importante é fazer contas”. A afirmação estampa a crítica do autor aos números e estatísticas vazias, que dizem pouco ou nada sobre o futebol.

As previsões matemáticas correm risco de darem erradas. Os computadores não observam os detalhes subjetivos nem têm intuições; só associam as informações.
 (“A esperança dos desesperados” – Tostão, 8/12/2004)

Outro aspecto que o inusitado carrega consigo é a antítese sorte/azar. De acordo com DaMatta (1982), no Brasil a palavra futebol nunca aparece sozinha, estando sempre precedida do termo jogo. “Assim, [...] vai acontecer um ‘jogo-de-futebol’, o evento foi ‘um jogo bom ou ruim’. Não é apenas uma questão de falar de futebol, mas de comentar ou discutir um ‘jogo-de-futebol’” (1982:25). Dessa maneira, DaMatta revela a posição específica que o futebol (e o esporte em geral) firma em cada sociedade. “Observo que a tônica da conceituação do ‘esportivo’ no universo anglo-saxão é na competição, na técnica e na força, ficando a sorte em último lugar” (1982:25).

Já no Brasil, ressalta o antropólogo, o esporte é vivido e tratado como um jogo, intimamente ligado à sorte ou ao azar. “É uma atividade que requer táticas, força, determinação psicológica e física, habilidade técnica, mas também depende das forças incontrolláveis da sorte e do destino” (1982:25).

DaMatta define os três “patamares” do jogo de futebol praticados em planos diferenciados, mas simultâneos. O estudioso mostra que existe um jogo que se passa no campo, jogado pelos jogadores como atividade profissional e esportiva; outro que se passa na vida real, jogado pela população, na sua constante busca de mudança do destino; e um terceiro jogo que se passa no “outro mundo”, onde entidades são chamadas para influenciar no evento e promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas e implicadas no evento esportivo.

Nelson Rodrigues era quem melhor tratava – de maneira primorosa e deliciosa, é bom que se frise – com as “forças incontrolláveis”, ou o chamado “outro mundo”. Seja na figura do Sobrenatural de Almeida, na leiteria do goleiro Castilho ou na imponência da camisa rubro-negra, Nelson não excluía o imprevisível e o mistério do futebol. Também não acreditava em futebol sem sorte. Dizia que sem o mínimo de sorte não se conseguia nem chupar um chicabon. “O sujeito acaba engolindo o pauzinho”, sentenciava.

Do mesmo modo que Roberto DaMatta e Nelson Rodrigues, Tostão entende a influência do destino e do “sobrenatural”. No texto “Jogador também tem alma”, o ex-atleta pondera:

[...] na vitória ou na derrota entram muitos outros fatores: a qualidade dos jogadores, preparação física, contusões, adversários, estado emocional, organização do clube, apoio da torcida, os mistérios etc. (TOSTÃO, 1997:109-110)

Apesar de falar em “mistérios”, é raro o cronista se ater a detalhes de sorte ou azar em suas análises. Há uma hierarquia de sentidos que abrange a figura humana, o esquema tático, a organização e planejamento das equipes, a influência da torcida e outros valores antes de entrar no campo místico. Nas 25 crônicas estudadas, não existe uma só referência feita por Tostão, direta ou indireta, ao sistema sorte/azar – o que não exclui, porém, a avaliação de que no jogo, assim como no dia-a-dia, o acaso está diretamente ligado ao êxito ou ao fracasso.

5.3 – Humanismo e heroísmo

O futebol e o basquete talvez sejam as modalidades coletivas mais individuais do universo esportivo. É óbvio que nenhum atleta ganha ou perde uma partida sozinho. Os méritos são de todos, apesar de uns sobressaírem mais que outros – de maneira positiva ou negativa. Nelson Rodrigues argumentava que o futebol ia além da bola; a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe segundo o cronista.

Em seus textos, Nelson sempre deu valor ao ser humano. Dizia: “De nada adiantará o futebol se o homem não presta” (1993:59). O dramaturgo via no chamado esporte bretão a oportunidade de muitos desconhecidos se tornarem célebres e a chance de reconhecer o verdadeiro caráter dos personagens do jogo.

Foram inúmeras as situações em que Nelson se deparou com as reações e atitudes de jogadores, treinadores, árbitros, torcedores e/ou comentaristas. Sob o ritmo da máquina de escrever e tendo ao fundo o imenso cenário futebolístico, ele bolou teses e teorias baseadas no ser humano. “O medo é um grande e eficaz nivelador”, escreveu (1993:19). Em outro texto, dedicado a um juiz que fugiu após levar um tapa, formulou: “Via de regra, só o heroísmo é afirmativo, é descarado. O herói tem sempre uma desfaçatez única [...]. Mas a covardia, não. A covardia acusa uma vergonha convulsiva” (1993:14).

De fato, é ingenuidade creditar ao jogo aspectos simplesmente instrumentais. Paulo César Vasconcellos expressa a sua opinião sobre o esquentado e excepcional Djalminha na

crônica “Caminhos cruzados do futebol”, de 26 de fevereiro de 2005. “Faltou pouco para que o Djalminha se transformasse numa unanimidade. Tinha técnica e habilidade, mas perdeu para o temperamento”, pondera o analista. A preocupação de Tostão com o jovem atacante Diego Tardelli, do São Paulo, também transcende os gramados e repercute na ciência do comportamento.

Ainda tenho esperanças que o Diego Tardelli vá evoluir muito. Dizem que isso não aconteceu porque ele é “doidinho”. Seria importante então um psicólogo para ajudá-lo. (“Não entendo mais nada” – Tostão, 10/11/2004)

O trabalho dos profissionais dessa área ganha uma atenção privilegiada nos comentários do ex-atleta. Tostão teve contato com a psicologia durante a época de medicina. “Com o auxílio da psicanálise aprendi a conviver com o meu passado e a ter mais prazer com a sua lembrança”, confidenciou na autobiografia (1997:98). Por conta do conhecimento e da experiência, o cronista atribui tanta importância à atividade.

A maioria dos treinadores e dirigentes, por desinformação e preconceito, não valoriza o trabalho dos psicólogos. Acha que os resultados demoram a aparecer. Prefere os motivadores, que seriam mais práticos. Mesmo nos clubes em que existem, de rotina, psicólogos fazendo bons trabalhos, os dirigentes costumam contratar um motivador de reforço para fazer palestras antes de partidas decisivas. (“Motivação e auto-ajuda” – Tostão, 28/11/2004)

Curiosamente, em 1956, Nelson Rodrigues já defendia a contribuição da psicologia no esporte. Na crônica “Freud no futebol”, frisou: “O futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador” (1993:25).

A trajetória do atleta representa uma síntese da vida, cheia de altos e baixos, triunfos e desgostos. Alguns comentaristas tendem a direcionar o olhar para além do instantâneo e contemplar a pessoa por trás da armadura de jogo e da popularidade. Tostão costuma salientar que a alma humana é misteriosa, e essa subjetividade por diversas vezes pauta as avaliações do cronista.

Por causa da briga, da goleada sofrida para o Atlético-MG por 6 a 1, de ter a maior torcida do Brasil e de nunca ter participado da Segunda Divisão, os

jogadores do Flamengo estão muito mais pressionados. Isso vai ajudar ou atrapalhar o time? (“Não é só a altitude” – Tostão, 21/11/2004)

A explicação de que o São Caetano estava desmotivado pela perda parcial de 24 pontos é totalmente injustificável, já que a vitória era essencial para o time se classificar para a Libertadores, caso recupere os pontos. Se a punição for mantida, o Atlético-MG deve enfrentar um time realmente desmotivado. Ou vai acontecer o contrário? (“A ilógica lógica do futebol” – Tostão, 15/12/2004)

O mineiro mantém também o foco nas questões objetivas. O modo de perceber o indivíduo, o coletivo e as dimensões que cercam tudo isso, confere às análises de Tostão o status de um rico – mas despretensioso – ensaio humanista. No texto sobre a morte de Rinus Michel, treinador da Holanda na Copa do Mundo de 1974, o comentarista destaca a figura do homem mesmo quando a ênfase histórica é no estilo grupal da equipe laranja.

Cruyff, o mais brilhante jogador coletivo de todos os tempos, disse que esta postura [do futebol total, do carrossel holandês] foi adotada dias antes da Copa. Resolveram inovar e arriscar. Fizeram dois treinos e encantaram o mundo. As pessoas comuns só sabem depois que treinam, entendem e aprendem. Os grandes talentos sabem antes de entender. Existe um saber que antecede ao raciocínio lógico. Esse saber vem dos genes, das experiências e encantamentos na infância e dos mistérios. (“Saber antes de entender” – Tostão, 6/03/2005)

Segundo a análise de Roberto DaMatta (1982), a proporção com que os cronistas tupiniquins tratam do sujeito-jogador possui raízes sociais. O antropólogo verifica que o futebol, no Brasil, é uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual muito maior que um instrumento de coletivização. “É dentro de um time de futebol que um membro dessa massa anônima e desconhecida pode tornar-se uma estrela e assim ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções”, ressalta (1982:27).

Durante a passagem pela revista *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues teve uma coluna sob a rubrica de “Meu personagem da semana”. No espaço, o escritor anunciava o destaque do período, recheado de divagações e explicações sobre a escolha. Entre novembro de 1957 e maio de 1959, Nelson elevou à protagonista figuras tarimbadas, como Didi, Julinho Botelho e Castilho; promessas, como Pelé, Garrincha e Almir Pernambuquinho; e anônimos, como Paulinho, Taylor e Hélio Cruz.

Hélio Cruz era, até o jogo com o Botafogo, solidamente desconhecido, maciçamente obscuro. [...] Bastou-lhe pôr abaixo o Botafogo para que, imediatamente, todos verificassem que ele era um falso desconhecido, um falso obscuro. [...] Certos desconhecidos esperam apenas um pretexto para se tornarem célebres. (RODRIGUES, 1993:66)

O jornalista Paulo César Vasconcellos caminhou em um sentido inverso na crônica “O discreto Ronaldinho Gaúcho” (23/03/2005). Dentro da realidade dos futebolistas que ostentam a fama e a notoriedade, o analista exalta justamente a finta que o craque dentuço dá nas lentes e nos holofotes. Nesse caso, o foco na pessoa é bastante acentuado, por se tratar de um atleta que conserva a posição de cidadão fora do contexto do jogo.

Neste mundo de celebridades, o Ronaldinho Gaúcho é uma ilha de exceções. Ao contrário da maioria dos jogadores de sua idade [...], ele não é casado e tampouco fotografado com a beldade da hora. Quanto mais olho para a carreira do RG, dentro e fora do campo, tenho a certeza de que ele foi esculpido para ser um vitorioso. Arrisco que a trajetória de sucesso está apenas no começo. Foi trabalhado para vencer e por muito tempo. [...] O cidadão Ronaldinho Gaúcho é a antítese das celebridades atuais. Passa pela vida longe das lentes – exceto quando está dentro de campo – e não sacia a fome daquela mídia preocupada com o fútil, com a futrica e com a louura de plantão, disposta a tudo pelos trinta minutos de fama (quinze é coisa do passado) e tão vazia quanto o suspiro vendido na porta da escola. (“O discreto Ronaldinho Gaúcho” – Paulo César Vasconcellos, 23/03/2005)

Ainda na obra organizada por DaMatta, Universo do futebol, Luiz Felipe B. N. Flores especifica que uma equipe de futebol possui símbolos que apontam tanto para um nivelamento e um igualitarismo social quanto para uma vitória do indivíduo e da liberdade no “sistema democrático”. Tostão aborda essas duas dimensões no intertítulo “Poeta da bola”, na crônica “O título é do melhor”.

Ronaldinho Gaúcho é mais do que o melhor jogador do esporte mais popular do mundo. Além de ser eficiente – criar jogadas para os companheiros é tão decisivo quanto marcar gols –, Ronaldinho Gaúcho é um artista, um poeta da bola. São os artistas que recriam, reinventam, deformam o mundo e tornam a vida mais prazerosa. (“O título é do melhor” – Tostão, 22/12/2004)

Ao afirmar que “criar jogadas para os companheiros é tão decisivo quanto marcar gols”, o comentarista coloca lado a lado o meia-atacante e os colegas de time. A própria noção de equipe o iguala aos demais atletas. Já na identificação de Ronaldinho como um “poeta da bola”, Tostão valoriza a característica libertadora da arte e, por conseguinte, a liberdade que o camisa 10 usufrui no “sistema democrático”. Tal sensação fica ainda mais evidente na última frase da passagem: “São os artistas que recriam, reinventam, deformam o mundo e tornam a vida mais prazerosa”.

Essa particularização típica do futebol brasileiro também guarda aspectos considerados ruins. Na crônica “Sapato alto”, de 28 de junho de 1982, João Saldanha reconhece um obstáculo perigoso para a Seleção Brasileira durante a Copa da Espanha. O comentarista pondera: “Se [...] ninguém tiver preocupações individualistas, poderemos conquistar um magnífico triunfo” (2002:126).

Em outro texto, intitulado “Falta de inteligência” (8/07/1982) e publicado três dias após a eliminação do Brasil pela Itália, Saldanha desabafou:

Não sou derrotista e continuo a admirar profundamente o futebol brasileiro. Mas o exagero e o excesso de importância que se dá a um simples time de futebol contribui muito para que os homens, que afinal de contas são apenas homens comuns, fiquem empanturrados de auto-suficiência. (SALDANHA, 2002:163)

O esporte tem o poder de elevar o atleta ao céu ou rebaixá-lo ao inferno em fração de segundos. Como definiu Armando Nogueira (2003), ele contém todas as virtudes e todos os pecados da criatura humana, dos mais sublimes aos mais subalternos. Baseado nessas antíteses, na superação das adversidades e no convívio com a vitória e com a derrota, os campos, quadras, tatames, pistas e ringues se tornaram solos favoráveis para o aparecimento dos ídolos.

No livro O Herói (1987), Flávio R. Kothe faz uma pertinente observação histórica em relação ao tema. Segundo o autor, o percurso da figura dramática ao longo da literatura ocidental demonstra uma tendência de só admitir como heróis elevados personagens das chamadas classes altas. No entanto, “devido ao processo de industrialização e a daí decorrente organização do operariado, começam a se tornar altos alguns personagens de extração social baixa” (1987:88).

De fato, grande parte dos esportes – em especial o futebol – tem como participantes pessoas que enfrentam ou enfrentaram dificuldades financeiras. Roberto DaMatta (2001) traça

um paralelo interessante entre Brasil e Estados Unidos a fim de explicar a transformação do cidadão comum em ídolo. DaMatta afirma que no país do hemisfério norte a atividade esportiva é conscientemente pensada pela mídia como sendo produtora de herói, enquanto por aqui ela é reinterpretada como um instrumento de ascensão e, sobretudo, de projeção social.

Se nos Estados Unidos o herói é o homem comum que se torna excepcional pelo treinamento e pelo esforço, no Brasil o campeão logo é celebrizado e definido como uma pessoa “destinada” (por algo intrínseco ou sobrenatural) a ficar “acima” do comum. (DAMATTA, 2001:30)

Tostão transpõe essa “regra” quando analisa o atacante Robinho no texto “Mais um craque”, de 2 de março de 2005. Segundo o ex-jogador, quando o camisa 7 e o companheiro Diego apareceram no Santos, Diego – então com 17 anos – dava a impressão de que já estava pronto. Realmente isso se confirmou, como ressalta Tostão. “Ele pouco evoluiu. Já o futebol de Robinho parecia estilhaços de um grande talento que precisava se organizar, criar uma forma, uma identidade. Foi o que aconteceu. Hoje ele é um craque”.

Para a estrela santista chegar ao topo, o cronista considera decisivos o empenho e a dedicação do atleta – características inerentes ao herói. Assim como entende ser fundamental a ajuda que deve ser dada ao argentino Carlos Tevez, reforçando a idéia de esforço e contrariando a ponderação de DaMatta.

Tevez é jovem, excelente, mais ainda não é um craque (não sei se será), como Ronaldinho Gaúcho, Ronaldinho, Adriano, nem como Edmundo nos seus melhores dias. Tevez vai precisar de apoio. (“O título é do melhor” – Tostão, 22/12/2004)

No caso de Ronaldo, o “Fenômeno”, também foram a vontade e o auxílio de outros profissionais que o fizeram voltar a jogar bola após os problemas que enfrentou ao longo da carreira. Na crônica “O Ronaldo merece respeito”, Paulo César Vasconcellos deixa isso bastante claro.

Sugiro – quanta pretensão! – que o Ronaldo volte àqueles tempos difíceis. Poucos acreditavam no improvável retorno. Época de muito choro e a companhia permanente de dois amigos das horas ruins: o jornalista Rodrigo Paiva e o fisioterapeuta Nilton Petroni. Com o incentivo desta dupla de amigos agora distantes e a determinação que o transformou num brasileiro honestamente rico, o

Ronaldo calou a boca da maioria e voltou para colocar a faixa de campeão mundial no peito. (“O Ronaldo merece respeito” – Paulo César Vasconcellos, 2/03/2005)

Convém observar como a trajetória de uma das maiores personalidades do futebol possui semelhanças com as narrativas épicas. Por três vezes – a convulsão na véspera da final da Copa do Mundo de 1998 e as graves contusões no joelho –, Ronaldo viu a sua morte decretada; a morte simbólica, estampando o seu fim no esporte. A propósito do herói, escreveu Junito Brandão: “É a morte que lhe confere e proclama a condição sobre-humana” (1990:64). Luis Fernando Veríssimo adotou o sentido ao astro brasileiro.

Mesmo um mau roteirista hesitaria em escrever uma história de superação pessoal e reversão de adversidade, com todos os chavões do gênero volta por cima, que nem Hollywood aceitaria mais, como a do Ronaldo. Uma história piegas e improvável que, no entanto, aconteceu e foi o grande tema dramático desta Copa. Ronaldo imitou a trajetória clássica do herói mitológico que desce ao inferno e volta para refazer a história. Voltou do abismo para refazer a final de 98 na França. É o primeiro mortal real a conseguir retornar no tempo para corrigir sua própria biografia. (“Prefiro terremoto” – Luis Fernando Veríssimo, 6/2002)

O herói nos fascina tanto por personificar o desejo e a figura ideal do ser humano. De acordo com Lutz Müller (1987), o herói representa o modelo do homem criativo, que se atreve a viver a vida, em vez de fugir dela. “A função essencial do mito do herói é desenvolver a consciência do *ego* [grifo do autor] individual, para que se dê conta de sua própria força e fraqueza” (BRANDÃO, 1990:70). Segundo Tostão, na pele do craque reside o herói do futebol.

O craque, como todo ídolo, é a projeção do nosso ideal, a glória que não tivemos, o sonho infantil de sair driblando todo mundo e fazer um gol. (TOSTÃO, 1997:121)

O mitólogo Junito Brandão ressalta que a conexão entre o culto agonístico, ou seja, o esporte, e o culto heróico era tão séria na Grécia que os grandes e mais célebres atletas foram heroicizados, como é caso de Cleomedes de Astipaléia, Eutimo de Locros e Teógenes de Tasos. Em tempos modernos, a “heroicização” continua, muito em função da linguagem e do foco empregados pela crônica esportiva.

Em um belo dia a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e desse beijo nasce o ídolo do futebol. Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola. Desde que aprende a andar, sabe jogar. Quando criança alegre os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e quando jovem voa e faz voar nos estádios. Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação. (GALEANO, 1995:5)

DaMatta dá uma contribuição importante ao assunto quando analisa esse processo no artigo “O significado do esporte na sociedade moderna e do futebol no Brasil”, publicado em 2001. Segundo o antropólogo, no Brasil, somos levados a compreender o esporte mais como uma fonte de personalidades que de heróis. “Como um instrumento de ascensão e visibilidade social e não como uma alavanca para a modelagem ou o reforço de certos tipos de comportamento” (2001:30).

Tostão confere o mesmo sentido da argumentação do estudioso em uma crônica de novembro de 2004. Na ocasião, o comentarista compara situações vividas no cotidiano e no esporte e toca no ponto discorrido por DaMatta ao argumentar que “as pessoas são muito mais analisadas do que os fatos”. Ou seja, as análises invariavelmente são baseadas nos personagens de um acontecimento e não em suas atitudes, postura que Tostão rebate.

Na vida e no futebol, temos o hábito de rotular as pessoas de boas ou más, conservadoras ou progressistas, otimistas ou pessimistas, craques ou pernas-de-pau e muitas outras ambivalências. Na maioria das vezes não é uma coisa nem outra. A vida se passa muito mais nas entrelinhas do que nos extremos. Noto ainda que as pessoas são muito mais analisadas do que os fatos. Cidadãos muito respeitados são elogiados por tudo que fazem ou dizem, mesmo se for uma besteira. Já os de má fama são criticados, mesmo quando dizem algo interessante. (“Reinvenção do futebol” – Tostão, 7/11/2004)

5.4 – O talento *versus* a técnica / Identidade nacional

Brasileiro quando joga futebol quer fazer gol. Quer ser atacante, vestir a 7, 9, 10 ou 11, chamar o zagueiro para dançar e estufar as redes adversárias. Sonha em um dia subir o túnel de acesso ao gramado com a camisa da Seleção ou do clube querido, e imagina que se estivesse em campo não hesitaria no drible nem erraria o passe, chutaria com precisão e

decidiria a partida no último minuto, caindo nas graças da torcida. Coisas do país do futebol, da pátria em chuteiras.

Luiz Felipe B. N. Flores (DAMATTA *et al.*, 1982) formulou uma explicação para esse fascínio verde e amarelo pelo ataque e pelo gol. No ensaio “Na Zona do Agrião: Sobre Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol”, Flores afirma que a admiração do brasileiro está na possibilidade de alterar uma situação inferior ou de equilíbrio. O objetivo de um time de futebol é exatamente o desequilíbrio. E se o gol é um dos meios de alcançá-lo, o drible é outro.

O drible não é apenas uma derrota de um ou mais jogadores frente a um adversário, mas implica que este – que “leva” o drible – fique em uma situação mais ou menos ridícula [...]. O poder do drible é, então, duplo: implica não apenas em uma vitória tática – de domínio de um setor do campo e de provisório descartamento de um oponente – mas, também, em uma derrota psicológica deste. (DAMATTA *et al.*, 1982:54-55)

De fato, o futebol brasileiro ficou conhecido no mundo inteiro pelo estilo criativo, improvisado e espontâneo de jogar. “O drible de um Garrincha [...] se transformava em uma arma mais poderosa para se vencer uma partida do que a rigidez de certos esquemas táticos”, rememora Ronaldo Helal (1990:54). Foi baseado no lúdico e na arte que a massa aprendeu a venerar a modalidade e identificá-la como um modo estritamente brasileiro de atuar dentro das quatro linhas.

Roberto DaMatta (1982) tem duas frases que demonstram bem a “apropriação” do estilo irreverente pelo povo daqui. Em uma delas, pondera que o esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Enquanto atividade social, complementa o antropólogo, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, etc. O que remete ao jeito de o brasileiro se portar e comportar diante das situações cotidianas.

É sabido no Brasil que o futebol nativo tem “jogo de cintura”; ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu. [...] quando falamos de “jogo de cintura”, estamos usando uma metáfora para a chamada “arte da malandragem” [...]. Na malandragem, como no “jogo de cintura”, estamos nos referindo a um modo de defesa autenticamente brasileiro, que consiste em deixar a força adversa passar, livrando-se dela com um simples – mas preciso – mover do corpo. (DAMATTA *et al.*, 1982:28)

A outra sentença do estudioso possui uma ligação direta com a primeira: “cada sociedade tem o futebol que merece”. Assim, DaMatta procura pavimentar na prática esportiva a própria noção de identidade nacional. O pensamento encontra adeptos, como João Saldanha na crônica “O craque da Copa” (2/07/1982): “[...] nosso time já foi apontado como o melhor e isto é altamente gratificante para nosso futebol alegre com características nacionais próprias” (2002:133). Em um texto de quase duas décadas depois, DaMatta dá maior ênfase à frase ao situar a existência de vários “futebóis” no contexto universal: o futebol-força na Europa, o futebol-cerebral na Rússia e na Europa Oriental, o futebol-arte na América do Sul e “uma forma que nós julgamos a mais perfeita e definitiva, um ‘futebol-malandro’, cheio de bossa e de jogo de cintura no Brasil” (2001:27).

Nas crônicas do Tostão não existe uma referência clara à oposição talento/técnica baseada nos “futebóis”. Em princípio, o analista não associa a magia ou o pragmatismo a uma região ou país, mas procura traçar um contraponto abrangente entre as duas especificidades. No fragmento abaixo, Tostão externa a filosofia de jogo que mais o envolve e seduz.

Quando Ronaldinho Gaúcho fez um golão contra o Milan no último minuto, vibrei como não fazia havia muito tempo. Foi a vitória do talento individual e do futebol coletivo leve e ousado do Barcelona sobre o futebol pesado e medroso do Milan. (“Reinvenção do futebol” – Tostão, 7/11/2004)

A noção de futebol leve e ousado, em similaridade à arte, se contrapõe ao estilo pesado e medroso, um paralelo ao chamado “futebol-força” e “futebol de resultado”. No estudo “O Momento Feliz – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”, o antropólogo Arno Vogel (DAMATTA *et al.*, 1982) oferece uma breve descrição das antíteses. O autor lista quatro princípios fundamentais para o “futebol-força”: objetividade, força, velocidade e resistência; alcançados a partir de métodos científicos de treinamento físico e da disciplina tática. Já o “futebol-arte” apresenta valores distintos, como habilidade, espontaneidade, toque-de-bola e malícia. Segundo Vogel, tratam-se de qualidades naturais do jogador brasileiro.

*A capacidade de improvisar e o talento individual produzem um futebol de beleza e exibição. Para que possam existir todos esses atributos, tem de haver descontração tática. O jogador brasileiro tem ginga, versatilidade e intuição, por isso é um artista. (DAMATTA *et al.*, 1982:109)*

Os pontos levantados pelo antropólogo têm espaço cativo nas abordagens de Tostão. O cronista desconstrói o futebol focando-se no talento individual, sem deixar de lado, porém, a estrutura tática. Ao contrário de Armando Nogueira (2003), que manda às favas a ciência do jogo e diz não ter parado uma só vez em finais de campeonatos para pensar em táticas, Tostão valoriza a ferramenta dos treinadores. A necessidade de harmonia entre o particular e o geral – em alusão à “descontração tática” da citação de DaMatta – fica clara em dois comentários sobre o selecionado brasileiro.

Parreira disse que vai experimentar em algum momento o Adriano ao lado dos dois Ronaldinhos e do Kaká. Será uma boa opção durante algumas partidas. Porém, será preciso definir bem o posicionamento dos quatro, para não deixar o meio-campo desprotegido nem o ataque embolado pelo meio. (“Boa e má desculpa” – Tostão, 17/11/2004)

Se o Deco jogasse pela Seleção Brasileira, provavelmente, disputaria a posição com o Kaká. Zagallo e Parreira diriam que o Deco não tem características para fazer a função do Zé Roberto ou Juninho. É verdade. Deco se tornaria também um jogador comum. A solução seria mudar o esquema tático. Quanto mais craques, melhor, desde que atuem onde possam mostrar os seus talentos. (“A ilógica lógica do futebol” – Tostão, 15/12/2005)

Em outra análise, com o sugestivo título de “Repensar o futebol”, o cronista destaca o modelo de jogo da equipe do Barcelona para defender alguns argumentos. Entre eles, a possibilidade de unir a fantasia ao resultado e a importância do jogador criativo dispor de liberdade em campo para atuar.

Não sei se o Barcelona vai ser campeão espanhol e da Liga dos Campeões da Europa, mas é hoje o time mais eficiente e mais encantador do mundo, como mostrou nos clássicos contra o Real Madrid e Milan. O Barcelona ganha e dá espetáculo. [...] O Barcelona não é só o Ronaldinho Gaúcho, nem todas as bolas passam por ele, como se costuma dizer quando há um craque que se destaca dos demais. Ronaldinho Gaúcho não é o centralizador das jogadas. Ele é um atacante com liberdade, que atua mais pela esquerda. Do meio para frente, o Barcelona tem mais três jogadores excepcionais: os meias Xavi e Deco e o atacante Eto'o. (“Repensar o futebol” – Tostão, 24/11/2004)

Ainda sobre a diferenciação entre futebol-força e futebol-arte, esquematizada por Arno Vogel, convém salientar que a objetividade não implica necessariamente na supressão e/ou destruição da criatividade. O jornalista e escritor José Castello (2003) pegou as duas vertentes para explicar o maior jogador do mundo, na obra Pelé: os dez corações do Rei. Para o autor, Pelé conciliou aspectos humanos tidos como incompatíveis: o pragmatismo e a invenção. “É a famosa mistura de suor e criação de que falam, sempre, os artistas mais bem-sucedidos” (2003:37).

Tanto Castello – que em outro trecho do livro enfatiza que a arte inclui também luta, empenho, obstinação e repetição exaustiva – quanto Ronaldo Helal, Antônio Jorge Soares e Marco Antônio Santoro, no excelente ensaio “Futebol, imprensa e memória”, de 2004, ponderam que o ideal está no aproveitamento das características dos estilos.

O texto do trio de sociólogos é uma valorosa viagem de volta à Copa do Mundo de 1970. Um passeio, principalmente, nas análises publicadas pela imprensa daquela Seleção Brasileira de futebol, exemplo máximo de encanto nos gramados. O que Helal, Soares e Santoro procuram mostrar é que por trás da beleza existiu um trabalho de preparação física e tática. Segundo os autores, os silêncios e esquecimentos sobre o processo de racionalização e treinamento árduo do time de 70 auxiliam o reforço das imagens em que os gols de Pelé e Jairzinho e os passes de Gérson parecem fáceis e apenas revelam magia, genialidade e criatividade.

O treino, a preparação, o sacrifício não podem receber destaque na medida em que contrariam, no Brasil, a idéia do improviso, do jeito, do dom natural etc. [...] Por fim, se, por um lado, o esquecimento do treinamento e do planejamento com base em conhecimentos científicos reforça a identidade do futebol brasileiro, por outro, apaga da memória o importante papel que a educação física, a medicina desportiva e seus respectivos profissionais tiveram nesse glorioso momento da história de nosso futebol. (HELAL et al., 2004:76-77)

Esses valores do treino e da preparação são considerados imprescindíveis por Tostão. O comentarista vê na “arrancada de Kaká”, na “velocidade do jogo atual” ou na “marcação por pressão” elementos que contribuem para o espetáculo e para um estilo ofensivo. Uma afirmação simples, contudo, expressa a postura dominante em Tostão: “Os técnicos são essenciais ao futebol, mas o futebol é muito maior e mais importante do que os técnicos” (“Furacão perto do título” – Tostão, 12/12/2004). O que, em outras palavras, permite entender o espírito lúdico, e mesmo as motivações humanas, num patamar superior ao da tecnocracia.

A organização tática (prosa) é importante, mas o que fascina é o talento individual (poesia). Essa é também a diferença entre o jogador extremamente eficiente e o craque. Além das qualidades técnicas, o craque ilude, fantasia. Isso é essencial. (“Os poetas têm razão” – Tostão, 9/03/2005)

Grande parte dos profissionais da crônica esportiva embarca na mesma linha de defesa do cronista mineiro. Em textos que precedem a participação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982, João Saldanha reivindica uma equipe para frente, que busque, antes de tudo, a vitória. “Temos gente e time para arriscar” (2002:41), enfatiza. Em contrapartida, para o comentarista, os alemães estudam, estudam e perdem. Ainda na fase de preparação, Saldanha critica a perigosa opção pelo “futebol-segurança” do escrete canarinho e reitera: “A única condição para se ganhar uma Copa do Mundo é ter os melhores jogadores e aproveitá-los. Não se ganha Copa com timidez” (2002:61).

Era também essa timidez, e mais, um complexo de inferioridade, que afligia outro mestre, Nelson Rodrigues. Esse narcisismo às avessas, a capacidade de exaltar as próprias deficiências, prejudicava o desempenho dos atletas brasileiros em campo.

[...] qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. (RODRIGUES, 1993:52)

O estigma, entendido por “complexo de vira-latas” e que segundo o dramaturgo transcendia o ambiente futebolístico e se metia em todos os setores da vida verde e amarela, foi derrubado justamente pelos pés auspiciosos de Pelé e de Garrincha, após o título mundial de 1958. No livro sobre Pelé, José Castello atribui ao famoso camisa 10 a patente do termo “futebol-arte”.

A era do futebol-arte, quer dizer, do futebol praticado como arte, a estética acima do resultado, a beleza acima da força, se firmou realmente com Pelé, na Copa de 1958, na Suécia. (CASTELLO, 2003:36)

Ainda hoje, o estilo de jogo encontra descendentes do Rei, apesar de chocar com algumas ignorâncias e preconceitos. Também batizado de “futebol-moleque”, a arte de Ronaldinhos e Robinhos geralmente é apontado como menosprezo ou ineficiência pelos “entendidos” – tomando emprestada aqui uma expressão criada por Nelson Rodrigues – e

tratado com violência cerceadora pelos adversários. Tostão diverge dos cabeças-de-bagre das canetas e dos caçadores de canelas.

Discordo dos argumentos de que o Schevchenko e o Henry são mais decisivos porque fazem mais gols. Com seus passes e dribles eficientes e excepcionais, Ronaldinho é também decisivo. Cada um com as suas características. Discordo também de que o Ronaldinho Gaúcho enfeita demais os lances e que deveria jogar um futebol mais simples. Simplicidade é olhar para um lado e dar um passe rápido e surpreendente para o outro, deixando o companheiro livre entre vários zagueiros. Simplicidade é desestruturar toda uma defesa com um passe de calcanhar ou um drible elástico. Tudo isso com enorme encanto. Ronaldinho joga um futebol eficiente, simples e bonito. Por isso, é o melhor. (“Eficiente, simples e bonito” – Tostão, 1/12/2004)

As três qualidades pautam as análises individuais do cronista mineiro. Tostão convive com a preocupação de se resguardar ao elogio fácil, de não cair no deslumbramento precoce e de escapar ao que apenas parece. Esse cuidado desponta aqui: “Alguns torcedores dizem que nós, comentaristas, estragamos muitos futuros craques com elogios excessivos antes da hora. Penitencio-me” (1997:112). Com o intuito de diminuir as precipitações e equívocos, e explicar melhor o futebol, o analista criou ao longo do tempo conceitos inovadores e frases minuciosas acerca do craque. “O craque não planeja; faz. O craque não tem explicação; ele é.” (“Fenomenal centroavante” – Tostão, 14/11/2004).

No trecho abaixo, é possível observar as características do “eficiente, simples e bonito” bem definidas. Enquanto Felipe joga o futebol bonito, Deivid atua de modo eficiente e simples, e abre mão da beleza. Robinho, assim como Ronaldinho, desfila a grife e a virtude do atleta de ponta.

Felipe é quase um especialista, um jogador extremamente habilidoso, mas não possui ótima técnica nem boas qualidades físicas e emocionais. Já Deivid é essencialmente técnico. Faz bem o que é essencial. Nenhum dos dois é craque, mas Deivid, ao contrário do Felipe, é melhor do que parece. Robinho é bastante habilidoso, inventivo, além de ter evoluído muito na parte técnica. Por tudo isso, é o maior talento entre os jogadores que atuam no Brasil. (“Os melhores da temporada” – Tostão, 19/12/2004)

De volta ao complexo de inferioridade, Roberto DaMatta (2001) confere ao futebol, além da “quebra do feitiço ruim” e da nova imagem do brasileiro orgulhoso de sua condição, a junção dos símbolos do estado-nacional a valores sociais mais profundos.

[...] o futebol nos faz ser patriotas, sem sermos basbaques e imbecis, permitindo e que amemos o Brasil sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso País. (DAMATTA, 2001:35)

Durante a Copa do Mundo de 2002, o cronista Luis Fernando Veríssimo escreveu sobre a sensação de amor à pátria e devoção ao jogo aflorada em atuações da Seleção Brasileira, especialmente nessa época.

Que tipo de paixão nos traz, por exemplo, tamanhos homens, para uma Copa do Mundo como esta, para um envolvimento assim em nada muito conseqüente, mas que nos arrebatava como uma guerra e cuja cobertura tem tudo de uma cobertura de guerra com despachos do front, às vezes em condições precárias, para manter o fervor patriótico aceso em casa menos a mesma seriedade? E, no entanto, ninguém aqui acha que está se diminuindo, intelectualmente, participando destas falsas batalhas de afirmação nacional com este ímpeto juvenil, mesmo que, em certos casos, numa versão geriátrica. (“Drummond” – Luis Fernando Veríssimo, 6/2002)

Veríssimo, em outro belo texto do mesmo período, une os dois principais retratos de Brasil – futebol e samba –, em um hibridismo que pretende explicar muito do jogo, do lúdico, da ginga, da arte, da dança, do molejo e do espetáculo tupiniquim.

No Brazil (capital Buenos Aires), os garotos de praia decidem cedo se querem ser bailarinos ou jogadores de futebol. A decisão nunca é definitiva, porque o samba pode ser uma forma coreografada de futebol e o futebol uma forma improvisada de samba. (“O garoto de Ipanema” – Luis Fernando Veríssimo, 6/2002)

Atualmente, o maior sinônimo do futebol de encanto e talento é o meia-atacante Ronaldinho. A tradição do país de Pelé, Garrincha, Tostão, Rivellino, Zico, Romário e Dener parece mantida nos pés do craque do Barcelona. Juca Kfoury que o diga.

O gol que Ronaldinho Gaúcho fez, e que daria a vaga ao Barcelona não tivesse acontecido o quarto gol do Chelsea, foi antológico, foi mágico, foi assombroso,

épico. Diante de três zagueiros na meia lua da grande área, Ronaldinho deu uma sambadinha e hipnotizou seus marcadores e o goleiro inglês. Com os quatro em transe, ele achou a única brecha para fazer a bola passar e deu um tapa de pé direito no canto direito do gol. Seria o gol do ano se valesse a classificação. Como não valeu, continua a ser o gol do ano. Emocionante. (“Gol do ano” – Juca Kfourri, 11/03/2005)

É interessante ressaltar o olhar do jornalista esportivo, que impõe à fantasia e à beleza um valor transcendental ao do escore. O atleta gaúcho também é personagem-destaque nas crônicas selecionadas de Tostão. O comentarista avalia a disputa pelo prêmio de melhor jogador de futebol da temporada de 2004 com o seguinte ponto de vista e argumento:

Ronaldinho Gaúcho simboliza o futebol de espetáculo, o que não significa que não seja também prático. Já Schevchenko representa a técnica e a eficiência, o que não significa também que não seja habilidoso e criativo. Thierry Henry é uma mistura dos dois, mas não é tão fascinante quanto Ronaldinho Gaúcho nem tão técnico quanto Schevchenko. A maioria dos técnicos europeus (hoje também os brasileiros) tem um olhar de aprovação muito maior para a técnica e a tática do que para o espetáculo. [...] A eleição do Ronaldinho Gaúcho seria uma valorização da beleza, da descontração, da leveza, da fantasia e da brincadeira com seriedade no futebol. Ronaldinho Gaúcho faz nos gramados o que ele e todas as crianças habilidosas faziam nos campos de pelada e hoje tentam fazer nas escolinhas, sob o olhar repressor dos professores. (“Os melhores da temporada” – Tostão, 19/12/2004)

A síntese da briga pelo posto de melhor, analisada de maneira contundente e precisa, é um resumo da própria maneira de Tostão enxergar e expressar o futebol. A união entre subjetividade e objetividade e a preferência pelo caráter lúdico e criativo, além do cuidado em não desabar nos lugares-comuns do comentário especializado, transformam a percepção do cronista em matéria de luxo e texto obrigatório para qualquer um que goste, minimamente, do jogo mais apaixonante e conhecido do mundo.

Para o mineirinho, talento e técnica não se opõem; se complementam. “A habilidade é a intimidade com a bola diante do adversário. A técnica é a execução dos fundamentos da posição. A criatividade é a capacidade de inventar, surpreender e improvisar. Para ser um craque, nada disso é suficiente se o atleta não tiver uma ótima estrutura física e emocional. O talento é a síntese de tudo isso” (“Os melhores da temporada” – Tostão, 19/12/2004).

6. Fim de jogo

Durante todo o trabalho abri aspas a cada começo de capítulo. A tal epígrafe. Tomei emprestada citações de Nelson Rodrigues, Vinícius de Moraes, Armando Nogueira e Tostão. O perigo ao selecionar uma epígrafe é a de escolher, sem intenção alguma, um clichê. O caminho inverso também é possível, ou seja, o da epígrafe transformar-se no próprio clichê.

O clichê, aliás, é um elemento muito combatido por Tostão. Basta ler com um pouco mais de atenção os seus textos para entender que o discurso decorado e fácil causa aversão ao comentarista. Na obra autobiográfica *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*, o autor dedicou o capítulo “Análise crítica de ‘clichês’ do futebol” só para refutar tais trivialidades.

Na famosa afirmação “o futebol é uma caixinha de surpresas”, contra-atacou: “Boa desculpa para as derrotas”. No lugar-comum “o grupo está fechado”, soltou: “O grupo tem de estar é aberto, senão vira ditadura, panelinha”. E para a evocação máxima “se Deus quiser, vamos vencer”, Tostão emendou: “Deus ainda não teve tempo para resolver o problema dos miseráveis e ainda vai ter de fazer gol...”.

Não são apenas as frases de efeito que tiram a serenidade do mineiro. As atitudes, comportamentos, excessos e escassezes do mundo da bola também o incomodam. Em um manifesto de dezembro de 2004, Tostão expôs as angústias e inquietações do ano sob o título “Estou sem paciência”.

O texto é uma síntese deste trabalho; um exemplo determinante do artista das palavras, do craque das letras. A sensação de incompatibilidade que o impacienta ao mesmo tempo o motiva, na busca com que suas análises, comentários, idéias, percepções, questionamentos, apreciações, soluções e dúvidas se fundamentem em si. Ou talvez nada disso ocorra, afinal o futebol e a crônica são ou não são um fato menor e sem importância? Tostão explica.

Não são somente os atletas que precisam de férias, mas todos que trabalham no esporte. Neste ano, passei a maior parte do tempo vendo partidas no Brasil e em todo o mundo, lendo os noticiários dos jornais e assistindo aos programas esportivos. São tantos. Gosto muito de futebol, faz parte do meu trabalho, porém estou cansado. Estou sem paciência com tantos jogos ruins e com tantos jogadores medianos atuando nas principais equipes do Brasil e do exterior. Há faltas demais no futebol (o Brasil é recordista mundial), lances violentos e uma excessiva valorização da pegada. Estou sem paciência com tanta violência dentro e fora dos estádios e na sociedade. É um risco ir a um jogo. O torcedor é também

desrespeitado. A violência é a principal causa do baixíssimo número de espectadores. Estou sem paciência de escutar as mesmas palavras, frases e lugares-comuns ditos pelos jogadores e técnicos após as partidas. Poucos dão explicações claras e sinceras sobre o que aconteceu no jogo. A maioria enrola. Estou sem paciência com os gritos dos narradores da televisão. Narram como se fosse pelo rádio e ninguém enxergasse os lances. Galvão Bueno parece um animador de auditório. Gosto mais dos bate-papos inteligentes, informais e irônicos entre o narrador e o comentarista. Estou sem paciência com o excesso de informações durante as partidas, mesmo quando a bola rola. Assim como os narradores disputam quem grita gol mais alto, alguns repórteres e/ou comentaristas disputam quem sabe mais histórias dos clubes e jogadores. As informações do passado são importantes quando ajudam a entender o presente. Estou sem paciência com a vaidade e prepotência de alguns técnicos. Mesmo quando diz besteiras, Luxemburgo é aplaudido pelos aduladores. O técnico virou também professor de ética. A dúvida não é sobre o que ele diz – estou de acordo com muitas coisas –, e sim acreditar no que ele diz que faz. Seu comportamento não combina bem com as suas palavras. No comando das equipes é outra história. Luxemburgo é um excepcional treinador. Estou sem paciência com a incompetência e falta de transparência de muitos dirigentes. A escassez de dinheiro é justificativa para todos os problemas dos clubes. Estou sem paciência com tantas patotas nos clubes, federações, CBF, na crônica esportiva, nos governos e em todos os lugares. Há grandes e pequenas patotas, que representam quase o pensamento único. As pessoas de uma turma só escolhem, citam e elogiam os que fazem parte ou têm algum vínculo com a mesma turma. O Brasil é o país das patotas. Já a principal virtude da sociedade americana (dizem que é a única) é o fascínio pela competência, independentemente de raça, religião, naturalidade e patota. Estou sem paciência com as coisas que escrevo. Preciso repensar o meu trabalho. Repito demais palavras e conceitos. Pelo menos, posso escrever o que desejo. Se trabalhasse na televisão, teria de comentar muitas coisas inúteis, redundantes e já ditas mil vezes por outros comentaristas. Estou sem paciência com tantas coisas, porém gostei muito de outras, principalmente da atuação dos grandes craques. Houve também partidas belíssimas e surgiram alguns promissores jogadores e treinadores. Há alguns bons dirigentes e clubes se preparando para o futuro. Existem muitos brilhantes e sérios jornalistas esportivos. Melhorou também o calendário brasileiro, não há mais viradas de mesa, jogos as terças, quintas-feiras e domingos nem coincidência de datas dos jogos da Seleção e dos clubes, e foi mantida a fórmula por pontos corridos, a única justa. Vou tirar férias. Talvez sinta saudade de tudo que me incomoda hoje ou, pelo menos, consiga suportar melhor quando voltar. Preciso desfrutar com mais intensidade de outros prazeres, como ir ao cinema e teatro, ler, conversar sobre outros assuntos, conviver mais com a natureza, com os cantos dos pássaros, com a minha cachorra e fiel

companheira Lambreca e, principalmente, ficar mais perto das pessoas queridas. Espero que os leitores aproveitem bem as férias do futebol e que tenham mais paciência no próximo ano com os atletas, técnicos, dirigentes, com a crônica esportiva e com este colunista. Até breve. (“Estou sem paciência” – Tostão, 26/12/2004)

Ao longo das mais de 40 páginas, procurei mostrar a relevância que o gênero tachado como menor possui no trato de temas do dia-a-dia. Ao se referir à crônica esportiva, é possível observar a riqueza de detalhes e abordagens, na forma e conteúdo, das apreciações dos escritores – marginalizados tanto pela literatura quanto pelo próprio jornalismo.

Tostão é um legítimo herdeiro da melhor tradição da crônica em geral e da crônica esportiva no Brasil. Em suas análises, o ex-jogador utiliza recursos literários e, ao mesmo tempo, esbanja conhecimentos técnicos e táticos sobre o futebol. Nesse sentido, como espero ter demonstrado, o comentarista mineiro enriqueceu o estilo, introduzindo conceitos inovadores e driblando habilidosamente alguns dos mais caros clichês dos textos sobre futebol.

Por último, para compor um estudo sobre crônica e sobre Tostão a escrita precisa ser leve. Tomei a liberdade, talvez um tanto despretensiosamente, de deixar o texto se contaminar pelas características do gênero pesquisado. Um trabalho como este não pode cansar, como a crônica não cansa, e é necessário cativar o leitor, como a crônica cativa. Espero que tenha alcançado esse nível. Ou, trazendo para o universo do futebol, espero ter conseguido aliar o talento à tática, a criatividade à objetividade.

7. Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de

2000 – “Assalto”. *Para gostar de ler*, vol. 3 – *Crônicas*. São Paulo: Ática, 2000, pp. 12-14.

AQUINO, Rubim

2002 – *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARRIGUCCI JR., Davi

1985 – *Os melhores contos de Rubem Braga*. São Paulo: Global, 1985.

BARTHES, Roland

1957 – *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 5ª ed., 1982, pp. 131-178. (trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza)

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka

1993 – *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BRAGA, Rubem

1936 – “O conde e o passarinho”. Rio de Janeiro: Record, 1936.

BRANDÃO, Junito

1990 – *Mitologia Grega*. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª ed., vol.3, 1990.

CABRAL, Sérgio

1994 – “Os craques da crônica”. *Jornal do Brasil*, 21/05/1994.

CAMPBELL, Joseph

1949 – *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 13ª ed., 2004. (trad. Adail Ubirajara Sobral)

CANDIDO, Antonio

1992 – “A vida ao rés-do-chão”. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 13-22.

CASTELLO, José

1996 – *Na cobertura de Rubem Braga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

2003 – *Pelé: os dez corações do Rei*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CHAVES, Flávio Loureiro

2002 – “Crônicas e mitos de Rubem Braga”. *Conexão – Comunicação e Cultura*. Caxias do Sul, RS: UCS, v. 1, n. 2, 2002, pp. 71-75.

COELHO, Marcelo

2002 – “Notícias sobre a crônica”. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra* (Gustavo de Castro e Alex Galeno, orgs.) São Paulo: Escrituras, 2002, pp. 155-162.

COELHO, Paulo Vinícius

2003 – *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

DA MATTA, Roberto

2001 – “O significado do esporte na sociedade moderna e do futebol no Brasil”. In: *Seminário de Comunicação do Banco do Brasil – Espaços na Mídia*. Brasília: Banco do Brasil, pp. 24-35.

DA MATTA, Roberto et al.

1982 – *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

ECO, Umberto

1993 – *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes. 3ª ed., 2001, pp. 27-104.

FILHO, Mário

1994 – *O sapo de Arubinha*. (Ruy Castro, org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GALEANO, Eduardo

1995 – *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2ª ed., 2002. (trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito)

GOMES, Pedro Gilberto

1997 – “A formação da consciência crítica. Do mito ao logos”. *Comunicação Social: Filosofia, Ética, Política*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1997, pp. 19-23.

HELAL, Ronaldo

1990 – *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo et al.

2004 – “Futebol, imprensa e memória”. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, v. 6, n. 1, janeiro/junho 2004, pp. 61-78.

HOHLFELDT, Antonio

2000 – “Machado de Assis: a crônica é um pedaço da eternidade”. *Contato*. Brasília: ano 2, n. 6, jan./mar. 2000, pp. 89-97.

HUIZINGA, Johan

1938 – *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 4ª ed., 2000. (trad. João Paulo Monteiro)

KFOURI, Juca

2001 – “Jornalismo Esportivo: uma visão crítica”. In: *Seminário de Comunicação do Banco do Brasil – Espaços na Mídia*. Brasília: Banco do Brasil, pp. 132-136.

2003 – *Meninos eu vi*. São Paulo: DBA, 2003.

KOTHE, Flávio R.

1987 – *O herói*. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1987.

MANHÃES, Eduardo Dias

2004 – *João Sem Medo: futebol-arte e identidade*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

MARQUES, José Carlos

2003 – *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

MELO, José Marques de

2002 – “A Crônica”. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra* (Gustavo de Castro e Alex Galeno, orgs.) São Paulo: Escrituras, 2002, pp. 139-154.

2003a – *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003, pp. 111-116.

2003b – *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 3ª ed., 2003, pp. 148-162.

MORAES, Vinicius de

1991 – “O Exercício da Crônica”. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 52-53.

MÜLLER, Lutz

1987 – *O herói: todos nascemos para ser heróis*. São Paulo: Cultrix, 10ª ed., 1997. (trad. Erlon José Paschoal)

NOGUEIRA, Armando

1997 – “México 70”. *O melhor da crônica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 26.

2003 – *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

OSTERMANN, Ruy Carlos

1998 – *O nome do jogo*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto/Palmarinca, 1998.

ROCHA, Everardo

1985 – *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 8ª ed., 1985/1999.

RODRIGUES, Nelson

1993 – *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. (Ruy Castro, org.) São Paulo: Companhia das Letras, 11ª ed., 1993.

RODRIGUES, Nelson; FILHO, Mário

1987 – *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* (Oscar Maron Filho e Renato Ferreira, orgs.)
Rio de Janeiro: Europa, 1987.

SÁ, Jorge de

2001 – *A crônica*. São Paulo: Ática, 6ª ed., 2001.

SALDANHA, João

2002 – *O trauma da bola: a Copa de 82 por João Saldanha*. (Jorge Vasconcellos e Rodrigo Lacerda, orgs.) São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça

1997 – *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentações dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, pp. 275-396.

TOSTÃO

1997 – *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*. São Paulo: DBA, 1997.

UNZELTE, Celso

2002 – *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 3ª ed. (atualizada), 2002.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.